



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ

APARECIDA CRISTINA DA COSTA

O MINOTAURO: LETRAMENTO LITERÁRIO NO LABIRINTO DE LOBATO

CORNÉLIO PROCÓPIO

2016

APARECIDA CRISTINA DA COSTA

O MINOTAURO: LETRAMENTO LITERÁRIO NO LABIRINTO DE LOBATO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, no curso de Pós-Graduação em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Estadual do Norte do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Adenize Aparecida Franco

CORNÉLIO PROCÓPIO

2016

TERMO DE APROVAÇÃO

APARECIDA CRISTINA DA COSTA

O MINOTAURO: LETRAMENTO LITERÁRIO NO LABIRINTO DE LOBATO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no curso de Pós- Graduação em Letras – PROFLETRAS – Universidade Estadual do Norte do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Adenize Aparecida Franco
Orientadora – Departamento de Letras - UNICENTRO

Prof. Dr. Thiago Alves Valente
Departamento de Letras – UENP

Profa. Dra. Stela de Castro Bichuette da Silva
Departamento de Letras – UNICENTRO

Cornélio Procópio, 07 de novembro de 2016

DEDICATÓRIA

A Deus, primeiramente.
Aos meus familiares e amigos.
A minha orientadora Doutora Adenize A. Franco e ao Professor Doutor Thiago Alves
Valente pelo apoio e auxílio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que é a minha força.

A minha orientadora professora Doutora Adenize A. Franco.

Aos colegas que me apoiaram e acreditaram em mim.

A minha família que sempre teve orgulho da minha luta.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma proposição de Sequência Básica segundo Rildo Cosson (2006) com o objetivo de promover o letramento literário a partir do trabalho em sala de aula do quinto ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Educação do Campo com o romance *O Minotauro* (1939) de Monteiro Lobato. O letramento literário visa ir além da decodificação mecanizada e propor uma leitura emancipatória para a criança, a fim de que o leitor possa agir socialmente e utilizar suas leituras como mote para suas reflexões e formação de conceitos. A pesquisa envolve uma análise e explanação dos fatores que envolvem a leitura literária em sala de aula bem como o letramento e suas especificidades quanto trata da literatura. Por fim, uma Sequência Básica será proposta e permitirá futuras intervenções de professores durante as aulas de Português a partir de atividades que envolvam as quatro fases seguintes propostas por Cosson (2006): a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação. Sobre a leitura literária em sala de aula as teóricas Annie Rouxel, Maria Amélia Dalvi contribuem de forma significativa. O letramento tem como base, nesta dissertação, os conceitos de Magda Soares e, de Mírian Zapponi, na questão do letramento literário.

Palavras-chave: Educação no Campo. Letramento literário. Mitologia.

ABSTRACT

This thesis presents a proposition of a Basic Sequence according to Rildo Cosson(2006) in order to promote literary literacy from the work in the classroom of the fifth grade of the early years of elementary school of Rural Education with the Monetiro Lobato's novel *O minotauro*(1939).The literary literacy aims to go beyond the mechanical decoding and propose an emancipatory reading to the child, so that the reader can act socially and use their reading as a motto for his reflections and training concepts. The research involves an analysis and explanation of the factors related to literary reading in the classroom as well as literacy and its specificities as is the literature. Finally, a basic sequence will be proposed and will allow future interventions of teachers during the Portuguese lessons from activities involving the four phases sequent proposed by Cosson (2006): motivation, introduction, reading and interpretation. On the literary reading in the classroom theoretical Annie Rouxel, Maria Amélia Dalvi contribute significantly. Literacy is based, in this work, the concepts of Magda Soares, and Mírian Zapponi, the question of literary literacy.

Keywords: Education in the Countryside. Literary literacy. Mythology.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – O MINOTAURO	50
FIGURA 2 – O MINOTAURO	51
FIGURA 3 – O MINOTAURO	52
FIGURA 4 – O MINOTAURO	53
FIGURA 5 – O MINOTAURO	69
FIGURA 6 – ALTAR PARA ZEUS	74
FIGURA 7 – O BEIJO.....	75

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA.....	13
2.1	A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA.....	13
2.2	A ESCOLA DO CAMPO: UM CONTEXTO DE LEITURAS.....	18
2.3	O CLÁSSICO NA ESCOLA.....	21
2.4	A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	24
2.5	O <i>MINOTAURO</i> DE MONTEIRO LOBATO.....	28
2.5.1	O <i>Minotauro</i> : uma narrativa ingênua?	33
3	O LETRAMENTO LITERÁRIO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	35
3.1	ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	35
3.2	LETRAMENTO LITERÁRIO	36
3.3	O LETRAMENTO LITERÁRIO, SEGUNDO RILDO COSSON	38
3.4	A SEQUÊNCIA BÁSICA COMO FORMA DE LETRAMENTO LITERÁRIO	40
3.4.1	Motivação.....	43
3.4.2	Introdução	44
3.4.3	Leitura	45
3.4.4	Interpretação.....	45
3.5	CONSIDERAÇÕES SOBRE O LETRAMENTO LITERÁRIO.....	46
4	ABANDONANDO VELHAS FÓRMULAS.....	47
4.1	DE MÉTODOS E METODOLOGIAS	47
4.2	MOTIVAÇÃO	49
4.3	INTRODUÇÃO	55
4.4	LEITURA	64
4.5	INTERPRETAÇÃO	78
4.6	AValiação	85
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
6	REFERÊNCIAS.....	91

1 INTRODUÇÃO

Ler é parte de diversas atividades em sala de aula que envolvem todas as disciplinas estudadas no Ensino Fundamental – anos iniciais. A leitura ganha ênfase, porém, determinadas vezes, o aspecto decodificador ganha maior relevância sobre a leitura literária reflexiva, emancipadora e que promove o letramento. Os obstáculos para que a leitura literária seja promovida na escola são amplos e merecem uma pesquisa.

A Educação no Campo é uma modalidade de ensino que precisa trabalhar com alguns obstáculos para que a leitura seja efetivada em sala de aula. Esses obstáculos são colocados, entre outras razões, devido a sua distância com o ambiente urbano: a demora da chegada dos materiais, a locomoção dos professores que não vivem na região na qual trabalham e também, a falta de bibliotecas próximas que podem trazer a leitura ao cotidiano dos habitantes da região rural de forma facilitada.

Os problemas quanto à vida escolar dos alunos, porém, são semelhantes aos da cidade, com destaque para a questão da leitura. Professores, que algumas vezes não leem, reclamam de que é difícil levar os livros até a sala de aula, pois sofrem rejeição por parte dos alunos. Mas será a leitura uma questão inata ao homem? A escola não poderia trabalhar para a formação de leitores em seu meio, leitor esse que leve seus conhecimentos e sua leitura para campos sociais da vida? Essa é uma grande preocupação dos professores e, de modo especial, destacamos nessa dissertação a situação e a realidade dos professores do Ensino Fundamental – anos iniciais – da Educação no Campo.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o aluno deveria completar o processo de decodificação e, portanto, ter acesso à leitura independente, sem que o professor precise ser o mediador, o contador de histórias da Educação Infantil. Mas ser um bom decodificador é uma garantia de ser um bom leitor?

O universo da leitura exige mais do que a alfabetização; exige o letramento, entendido nesta dissertação como o processo pelo qual o leitor competente é formado. No âmbito da Educação no Campo, centro da pesquisa aqui proposta, o acesso dos alunos aos livros torna-se difícil. As bibliotecas das Escolas Municipais do Campo não contemplam muitos exemplares e seu ambiente é pouco explorado devido a muitos fatores, entre eles, a escassez de funcionários.

O aluno deve ser levado a ver, ler e ter contato com os livros de forma harmoniosa com suas necessidades, a partir de leituras que o façam crescer como leitor competente que consegue interpretar o que lê.

Pensar temas pertinentes ao público leitor do campo é uma tarefa importante no trabalho do professor do Ensino Fundamental – anos iniciais. Cercados por histórias “miraculosas”, muitas vezes contadas pelos familiares e repetidas durante os momentos de oralidade das aulas de português, os alunos da Educação do Campo procuram ampliar seus conhecimentos sobre tudo o que foge ao seu cotidiano real.

Os alunos trazem para a sala de aula uma cultura oral que lhes garantiu fantasia e ficção até aquele momento, mas na escola eles podem adquirir e suprir suas necessidades através também da escrita, sem esquecer, obviamente, da cultura oral. Para levá-los até temas pertinentes ao seu cotidiano de ouvintes que agora poderão se tornar leitores, o tema da Mitologia grega é muito interessante, pois condensa em si o mistério apreciado pela tradição oral numa cultura escrita que pode levar o leitor a expandir seu mundo de experiências.

A mitologia grega pode levar até esses alunos da educação no campo os pontos necessários para suprir a necessidade de fuga da realidade que procuram. Os heróis gregos encarnam aventuras que mexem com a imaginação, além de serem provenientes de lugares e tempos aos quais temos acesso apenas por programas da televisão ou filmes.

Pensando em Literatura Infantil para alunos brasileiros é difícil não se lembrar de Monteiro Lobato (1882-1948), o clássico autor foi o criador dos personagens pertencentes ao Sítio do Picapau Amarelo: Emília, Narizinho, Pedrinho, Tia Nastácia, Marquês de Rabicó, Dona Benta, Visconde de Sabugosa. Uma de suas narrativas, *O Minotauro*, publicada em 1939, apresenta os personagens clássicos do Sítio do Picapau Amarelo ao monstro mitológico Minotauro, quando este invade o sítio durante o casamento da Branca de Neve e do Príncipe Codadade. O rapto da cozinheira Tia Nastácia causa furor em Dona Benta e promove a viagem dela com seus netos e os agregados da casa à Grécia Antiga, a fim de resgatar a serva fiel de tantos anos.

Para trabalhar a obra *O Minotauro* (1939), de Monteiro Lobato, em sala de aula do Ensino Fundamental – anos iniciais – é preciso considerar alguns fatores: o 5º ano foi eleito como turma que pode propiciar a execução de atividades voltadas

para a temática da Mitologia, pois a faixa etária na qual os alunos estão, entre 9 e 10 anos, permite maior fluência de decodificação na leitura, isso permitirá o processo de interpretação da obra.

É importante levar em conta, também, a metodologia utilizada para o trabalho com a obra. Desde as teorias da estética da recepção (Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser) que fundamentaram o método recepcional (Bordini e Aguiar) às proposições mais recentes, observamos a preocupação com o texto literário na escola. Entre tais intervenções destacamos as discussões e experiências levantadas por Rildo Cosson¹ em sua obra *Letramento Literário: teoria e prática* (2006). Essa obra apresenta uma sequência básica constituída por quatro fases: motivação, introdução, leitura e interpretação. A proposta do estudioso busca levar o leitor à emancipação a partir da reflexão e do envolvimento com a obra lida, isso será possível através de uma série de atividades diferenciadas envolvendo leitura, escrita e produção de diversos gêneros textuais.

As fases da sequência básica se completam: a motivação trabalha com a curiosidade e inflama no leitor o desejo de saber mais sobre o tema e demais características do clássico a ser lido. A introdução apresenta questões práticas e importantes para a leitura, como o contexto de produção, as características de escrita do autor etc. A leitura é o ápice do processo de letramento literário que não pode esquecer o texto em meio às outras atividades promovidas. O professor será o mediador. A fase da interpretação promove a palavra do leitor diante da obra lida. Dar voz ao leitor não é uma constante na educação tradicional, mas é de suma importância para seu envolvimento com a literatura.

No primeiro capítulo desta dissertação a ideia central a ser defendida é a da importância da leitura em sala de aula, pois por muito tempo a literatura foi mantida longe da escola por inúmeros motivos, porém, atualmente há estudiosos como Rildo Cosson, Annie Rouxel, Maria Amélia Dalvi, Mirían Zapponi que defendem a permanência do texto literário em sala de aula, contanto que ele seja trabalhado e

¹ Rildo Cosson é coordenador do programa de Pós-Graduação do Cefor/ Câmara dos Deputados. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Foi professor de Literatura da Universidade Federal do Acre (Ufac) e da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e professor de metodologia do Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É membro da Associação Nacional de Pós-Graduação de Letras e Linguística (Anpoll), da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), da Internacional Association for the Improvement of Mother Tongue Education (IAIMTE), e pesquisador do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da UFMG.

mediado pelo professor de uma forma satisfatória e produtiva, não utilizando a literatura como mero pretexto para estudo de outros conteúdos.

É importante destacar no primeiro capítulo o clássico em sala de aula, pois tanto Antônio Cândido como Ítalo Calvino trabalham a ideia do direito à leitura do texto clássico e Rildo Cosson o defende em seus estudos posteriores a 2006. O romance *O Minotauro* (1939) é o clássico infantil de Monteiro Lobato escolhido para ser o centro da sequência básica proposta no terceiro capítulo, por isso, ainda no primeiro, ele ganha destaque em sua forma e literariedade, demonstrando sua importância na obra de Lobato e em toda a literatura infantil brasileira. Eliane Galvão (2009) defende que o homem precisa de imaginação e fugir da realidade que o cerca e essa necessidade faz com que obras como *O Minotauro* (1939) sejam bem aceitas pelo público infantil. Embora envolva o mundo imaginário e aventuras dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo, a narrativa de Monteiro Lobato não é ingênua, pois envolve questões políticas as quais o autor era dedicado, como a necessidade de liberdade a todos os cidadãos e um governo que privilegie a disseminação da cultura entre a população.

No segundo capítulo da dissertação o destaque é o Letramento, principalmente, o letramento literário, que propõe uma leitura profunda e estendida da obra literária, tornando o leitor um ser competente que utiliza suas habilidades socialmente e transforma a realidade que o cerca.

O terceiro capítulo é a proposição de uma sequência básica que envolve o romance *O Minotauro* (1939), de Monteiro Lobato e procura levar a mitologia à sala de aula promovendo a partir das quatro fases – motivação, introdução, leitura e interpretação – o letramento literário. Desta forma, a partir de três capítulos, a dissertação promoverá uma proposição de trabalho em sala de aula com a literatura envolvendo os conceitos de letramento literário, escola do campo, evasão à imaginação e mitologia.

2. A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

Discutir sobre o ensino de literatura na escola é uma questão complexa. Primeiramente: literatura se ensina? A escolarização da literatura foi por muito tempo condenável, pois se acreditava que a arte literária deveria servir apenas ao entretenimento a apreciação gratuita, não cabia a escola, como um ambiente formal de aquisição do conhecimento acadêmico, trabalhar a literatura como mais uma de suas disciplinas. A questão, porém, não é tratar a literatura como se trata a matemática, a biologia, a química ou a física na escola: de forma objetiva e exata, mas sim, tratá-la como obra de arte subjetiva que possibilita ao leitor se formar como um indivíduo pensante, reflexivo e crítico.

Alguns aspectos, porém, parecem inevitáveis de reflexão no que concerne à literatura na escola: as finalidades. “Para que ensinar literatura? Como ensinar? Que métodos utilizar? Ao ensinar literatura estamos aumentando a cultura dos alunos? Estamos formando leitores?” (ROUXEL, 2013, p. 17). Esses elementos compõem um espectro de possibilidades que justificam a escolha de ensinar literatura na escola.

Os aspectos metodológicos do ensino de literatura variam conforme a concepção de escola almejada pelo professor. Por vezes, prevalece a ideia da “educação bancária”, na qual os alunos são depositários do conhecimento vindo do professor que, por sua vez, os retira do livro didático. Surgem então as aulas de história da literatura. O professor enumera as diversas escolas literárias com seus principais autores e obras representativas, enquanto o texto literário é visto como um detalhe.

Para Annie Rouxel (2013), o ensino de literatura deve ter finalidade de formação.

de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é prevista aqui. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino de literatura vislumbra. (ROUXEL, 2013, p.20).

Para tanto, é necessário que o professor abandone o sentimento de proprietário e depositário único do conhecimento e deixe de ignorar a recepção do aluno, pois, partir dela é convidá-lo para a aventura interpretativa com seus riscos, reforçando suas competências pela aquisição de saberes e técnicas. (ROUXEL, 2013). A literatura lida em sala de aula exige do professor sensibilidade para o processo de formação do leitor, inclusive no momento da avaliação.

A literatura lida em sala de aula convida também a explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorrem de esfera íntima. Enriquecimento do imaginário, enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia, construção de um pensamento, todos esses elementos que participam da transformação identitária estão em ato na leitura. (ROUXEL, 2013, p. 24).

A forma de avaliar a leitura é uma grande polêmica no meio acadêmico e escolar, pois ainda há muitos professores que prezam a avaliação formal escrita, na qual é preciso que o aluno responda questões ou mesmo escreva um texto contando suas impressões da obra literária lida para que possa lhe ser atribuído um conceito, na maioria das vezes, uma nota boa ou ruim. Dessa forma o professor esquece que a literatura é, antes de tudo, arte e não deve ser tratada como uma disciplina objetiva na qual importa apenas a objetividade e os protocolos a serem mantidos no ambiente escolar.

Uma grande preocupação com a literatura em sala de aula, além da questão avaliativa, é a complexidade do texto. Há de se definir que a obra estudada privilegie que o leitor invista sobre ela a partir de sua experiência de mundo e da literatura que se afiguram no universo ficcional com imagens mentais que lhe são próprias. “A incompletude do texto, por sua vez, suscita no leitor uma série de inferências, abduções que requerem relações, cujos resultados permanecem marcados pela incerteza”. (ROUXEL, 2013, p. 25).

Pensar a literatura como uma forma de aprendizado “separada” das demais é um erro cometido por muitos professores do Ensino Fundamental (principalmente dos anos iniciais, quando a alfabetização se concretiza). Preocupar-se em fazer com que o aluno leia o texto em voz alta para avaliar a sua dicção e sua fluência é uma atividade que pode “matar” na criança o amor pela leitura, a menos que esta atividade esteja relacionada a outras que impulsionem a reflexão do texto lido. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é necessário refletir sobre a literatura infanto-

juvenil. A formação do leitor não deve privá-lo de obras de qualidade devido ao seu processo de alfabetização e letramento ainda em desenvolvimento. Como afirma Rouxel, a

literatura infanto-juvenil oferece uma mina de obras de qualidade para esse aprendizado da leitura literária. Há um grande número de obras nesse domínio – álbuns, romances, peças de teatro – cujas feições correspondem às grandes obras da literatura contemporânea. A leitura destas obras tende a criar um novo horizonte de expectativas nos alunos. (ROUXEL, 2013, p. 27).

Considerando tal afirmativa, o papel do professor na formação do leitor literário faz com que ele, sujeito leitor que tem sua própria leitura dos textos, vislumbre, em função de diferentes parâmetros, que leitura poderá ser elaborada em sala de aula: a escolha do repertório. O professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental busca primeiro analisar, reunir, compilar a leitura dos alunos, identificando zonas de incompreensão ou de dificuldades, para submetê-las a um debate interpretativo. Ele também pode guiar a atenção para o texto, fazendo com que os alunos levantem hipóteses e cheguem a interpretações satisfatórias (ROUXEL, 2013).

Os gestos profissionais requeridos pelo ensino da literatura supõem a sagacidade do professor, que é adquirida com a experiência. Ele deve avaliar dificuldades e seu tratamento: previsão, supressão, regulação, intervenção se distribuem em função dos textos e das situações. (ROUXEL, 2013, p. 30).

O professor precisa ter o trabalho que fará com o texto literário em sala de aula planejado, pois a leitura não deve ser vista apenas como um passatempo nos minutos finais de aula, para isso, precisa ter conhecimento da turma com a qual pretende formar leitores: suas experiências de leitura, suas apreciações, o que preferem, se possuem ou não o hábito de ler sem que o livro seja proposto pela escola.

É possível observar, também, e planejar quais obras devem ser levadas à sala de aula. Muitos professores acreditam que a leitura por si já é suficiente, não importa o que seja lido. Mas a escolha dos textos é muito importante, cabendo ao professor agir sem preconceitos, sem descuidar, porém, das obras canônicas já consagradas pela história cultural da humanidade.

Os procedimentos utilizados para abordar os textos literários são essenciais para que a formação do leitor se complete. A leitura não se encerra na decodificação dos signos linguísticos, portanto, as experiências pré e pós-leitura devem ser valorizadas.

Fundamental pensar procedimentos que fujam da tradicional aula expositiva de literatura, das abordagens que têm como ponto de partida não o texto, mas informações históricas, formais, temáticas sobre autores e obras. É imprescindível sempre partir do texto literário – seja ele popular ou erudito – e procurar, no âmbito da escola o que Colomer (2007) chama de *leitura compartilhada*. Noutras palavras, estimular o jovem leitor ou a criança a se pronunciar sobre o texto, a dizer seu ponto de vista, a dialogar com o texto e com os colegas. (ALVES, 2013, p. 45).

A literatura pode transformar o homem modificando-o. Para Cândido (1972) ela é essencial ao homem e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.

A influência da literatura sobre o homem (aluno ou não) vai além de sua forma e sua estrutura linguística, ela faz parte da sua formação, mas de forma intrínseca, sem precisar ser elencada em normas autoritárias.

A arte, e, portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1972, p. 53).

A independência do leitor se faz aos poucos, de acordo com a sua formação. Já, no Ensino Fundamental, a criança deixa progressivamente de depender daquilo que o adulto decide para buscar aquilo que deseja, advém daí a importância da biblioteca escolar na formação do leitor, para que ele possa ter acesso aos diversos gêneros inseridos em situações sociais relevantes. Porém, essa “autonomização” do leitor em relação à tutela adulta é relativa, surge então, a necessidade de aproximar a literatura da educação (DALVI, 2013).

A relevância social e as peculiaridades do texto devem estar de acordo com a turma que o professor trabalha a literatura. O estudante precisa ter contato com formas e textos sofisticados que exigirão seu esforço interventivo como leitor. Textos literários apresentados sem articulação com a vida, com a história e o contexto social dos alunos podem atrapalhar seu acesso à literatura (DALVI, 2013).

Para que o acesso às obras de maior articulação literária aconteça cabe ao professor ir além dos textos propostos, por exemplo, pelo livro didático, o que, muitas vezes, torna-se uma batalha no ambiente pedagógico.

O uso do livro didático como apoio para as aulas de literatura deve ser pensado de forma reflexiva pelo professor. A concepção do livro didático tende a ser tradicional, defendendo a historiografia literária como ponto de partida para o ensino da literatura, conforme podemos observar na afirmação de Neide Luzia Rezende.

Tendo, pois, o livro didático como apoio, o mais comum é que o professor configure nesse trabalho as mais diferentes estratégias: uma atividade oral de leitura de fragmentos pelos alunos, seguida por perguntas e respostas, sendo que estas já se encontram no manual do professor, ou seja, os alunos vão ter que se ajustar, como no leito de Procusto, a respostas elaboradas de antemão, que o próprio professor provavelmente tampouco saberia responder se não as tivesse ao alcance. (REZENDE, 2013, p.101).

A história da literatura recebe críticas quando aparece como ponto de partida (e talvez o único) nas aulas de leitura do texto literário, porém, ela possui grande importância no campo literário, reunindo características das correntes vigentes em cada época, nomeando autores e obras essenciais para a formação da cultura literária de uma sociedade. A crítica mais exacerbada vem quando a história da literatura substitui o texto e transforma as aulas de literatura em aulas de história, nas quais o mais importante é que nomenclaturas e datas sejam decoradas para uma possível avaliação tradicional.

Já no século XIX, Lanson, o pai da história literária, lamentava que se ensinasse essa nova disciplina nos liceus, uma vez que a maioria dos alunos não havia lido as obras cuja história aprendia. O mesmo desvio apareceu após os anos de 1970, quando a entrada nas escolas de rudimentos de teoria literária – que, de resto, se faziam bastante necessários, em particular de narratologia e de semiótica – levaram os alunos a substituir por um saber teórico a prática dos textos sobre os quais eram levados a teorizar. (VERRIER, 2007 apud REZENDE, 2013, p. 105).

Sendo a literatura escolarizada, a formação do leitor fica numa linha tênue entre o leitor compulsório, que lê com objetivo de fazer um trabalho sobre o texto lido, e o leitor lúdico, aquele que lê por gostar da leitura e pela fruição. A formação escolar é importante mediadora entre o livro e o leitor, é preciso, portanto, aproximar o leitor compulsório do leitor lúdico, chegando-se a uma síntese em que fruição advém da compreensão do processo de construção dos sentidos no ato da leitura. (JOVER-FALEIROS, 2013).

Ler ficção é, portanto, duplamente gratificante. Quando entramos em contato com o conhecido, temos satisfação de encontrar a nós mesmos no próprio texto, num processo rápido de acomodação. Na experiência com o desconhecido, acontece a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. A tensão entre esses dois poços, o agradável conhecido e o estranho desconhecido, patrocina a forma mais efetiva e gratificante de leitura. (TEIXEIRA-AGUIAR, 2013, p.160).

Para um público definido (alunos da Educação no campo) a busca do desconhecido é muito gratificante e torna viva a vontade de expandir seus conhecimentos sobre as histórias que conhecem.

2.2. ESCOLA DO CAMPO: UM CONTEXTO DE LEITURAS

A educação no campo possui peculiaridades próprias: o alunado diferenciado, a vida social que envolve o meio de trabalho, o afastamento da zona urbana e, diversas vezes, da tecnologia. Assim a define as Diretrizes Operacionais para a educação Básica nas escolas do campo:

Educação do campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caíças, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não-urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana. (BRASIL, 2001, p. 31).

Nas escolas do campo, o público leitor tem pouco acesso aos meios midiáticos, por isso, apresenta dificuldades em utilizar tecnologias como o *e-book*, por exemplo. A questão do uso ou não da tecnologia em sala de aula torna-se incoerente com as escolas rurais, mal equipadas e com acesso à *internet* ainda como uma realidade distante em patrimônios, vilas e povoados afastados do meio urbano.

Se a tecnologia é praticamente inexistente, a presença do objeto livro também se torna difícil, pois, embora programas como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) do Governo Federal disponibilizem exemplares de boa qualidade para as escolas municipais, a escassez de funcionários, de locais adequados para colocá-los e divulgá-los entre os alunos, enfatizam a ideia de que os livros são objetos distantes do dia-a-dia dos alunos.

Com pouco material disponível e cerca de quatro horas por dia para dividir o ensino entre cinco disciplinas curriculares do Ensino Fundamental – anos iniciais (língua portuguesa, matemática, ciências, geografia e história), a leitura pode correr o grande risco de ser relegada ao patamar de atividade extra, não primordial nas aulas de língua portuguesa. Esse é um problema que envolve questões que vão além da sala de aula, principalmente questões de organização governamental na área educacional.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a disciplina de língua portuguesa é ministrada por um professor denominado professor regente. Ele ministra cinco disciplinas já mencionadas e, devido ao acúmulo de trabalho, corre o risco de conceder pouca importância à leitura literária em sala de aula.

Apesar das dificuldades e peculiaridades vividas pelo professor do Ensino Fundamental – anos iniciais –, prioritariamente, o professor da educação no campo, os Parâmetros Curriculares Nacionais deixam claro que ele deve utilizar diferentes metodologias para conseguir proveito em meio à diversidade de públicos: Utilizar as diferentes linguagens – verbais, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais. (BRASIL, 1996).

Ao aluno do campo não deve ser negada a oferta da leitura de forma reflexiva, portanto, o professor não pode dar ênfase apenas em atividades mecânicas que visam tornar o alunado do campo preparado apenas para decodificar textos.

Paulo Freire (1992, p. 9) defende que “[...] o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” As palavras de Freire (1992) deixam clara a necessidade de ir além da decodificação para que exista uma leitura literária emancipatória.

Isso não significa desprezar a preocupação com a decodificação no Ensino Fundamental – anos iniciais – nas escolas do campo. Ela é justificada, pois sua falta pode causar dificuldades na compreensão do texto lido. Porém, se a decodificação se tornar a única preocupação do professor e dos alunos, ela esgotará as possibilidades de fruição, de reflexão, de emancipação que a literatura pode proporcionar.

A escola do campo apresenta peculiaridades sociais e uma hegemonia de classes: desde os boias-frias e participantes do Movimento Sem Terra (MST) até os filhos de proprietários de terras. Portanto, o professor precisa ter o cuidado de não investir em sala de aula em uma visão de alfabetização que vê a leitura e a escrita apenas como instrumento para a obtenção de conhecimentos, desconhecendo a alfabetização como forma de pensamento, processo de construção de saber, meio de conquista de poder político (SOARES, 1992).

Esse significado instrumental atribuído à alfabetização pela escola serve, naturalmente, apenas às classes privilegiadas, para as quais aprender a ler e a escrever é, realmente, não mais que adquirir um instrumento de obtenção de conhecimentos, já que, por suas condições de classe, já dominam a forma de pensamento subjacente à língua escrita, já têm o monopólio da construção do saber considerado legítimo e já detêm o poder político. Para as classes dominadas, o significado meramente instrumental atribuído à alfabetização, esvaziando-a de seu sentido político, reforça a cultura dominante e as relações de poder existentes, e afasta essas classes da participação na construção e na partilha do saber. (SOARES, 1992, p. 22).

O significado instrumental esvazia a alfabetização do sentido político e social, o que para as classes que sofreram e ainda sofrem com a dominação de outras significa permanecer num estado de inércia em relação ao mundo e a possibilidade de modificá-lo. Garantir uma forma de pensamento subjacente à língua escrita às classes menos privilegiadas econômica e socialmente é garantir que elas possam fazer suas próprias escolhas e definir seu próprio futuro na integração social do país.

A escola do campo por vezes aparece subjugada como instituição que forma apenas trabalhadores braçais e não possibilita o desenvolvimento do homem do campo como ser participativo na sociedade. É preciso considerar as peculiaridades do ponto de vista social da escola do campo, portanto. A valorização das peculiaridades acontece quando a heterogeneidade de papéis que a leitura e a escrita exercem é respeitada.

[...] de um ponto de vista sociológico, em cada sociedade práticas de leitura e escrita diferenciam-se segundo os contextos sociais, exercendo papéis diversos na vida de grupos ou de indivíduos específicos. Assim, pessoas que ocupam diferentes lugares sociais, exercendo diferentes profissões e vivendo diferentes estilos de vida, enfrentam demandas funcionais de leitura e escrita muito diferentes: sexo, idade, localização urbana ou rural, etnia são, entre outros, fatores que determinam a natureza das práticas de leitura e escrita. (SOARES, 2015, p. 7).

Se a leitura nas escolas do campo for trabalhada de forma emancipatória e não apenas mecanicista, os alunos conhecerão sua realidade e terão, desta forma, condições suficientes para modificá-la.

2.3. O CLÁSSICO NA ESCOLA

Para Ítalo Calvino (1993, p. 9) “os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou relendo’ e nunca ‘Estou lendo’”. No Ensino Fundamental, muitos professores afirmam que não importa o texto, basta ler. Atividades com ênfase na forma de ler e na compreensão dos outros pelo que é lido foram marca de muitos processos educacionais ao longo da história.

Por muito tempo, ler significou pronunciar – em voz alta, para si ou para um grupo – as palavras de que se compõem um texto. Ciente disto, o autor compunha seu discurso levando em conta os limites da recepção oral, como, por exemplo, a necessidade de garantir que todos tenham ouvido e entendido bem os passos fundamentais do texto pronunciado, o que poderia ser garantido através de retomadas do já dito. (ABREU, 2000, p.122).

De acordo com essa visão de leitura, na qual o texto passa a ser apenas um instrumento para o estudo de técnicas de pronúncia, melhoria da escrita, verificação de questões gramaticais e gráficas, não há necessidade de um clássico em sala de aula, pois o trabalho de leitura poderia ser feito tanto com um exemplar de *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, quanto por uma revista semanal, cujo tema é a vida de celebridades.

Por outro lado, enquanto uns negam os clássicos aos seus alunos, outros correm o risco de “sacralizá-los”, excluindo qualquer outro tipo de literatura produzida que, por diferenciados motivos, não pertencem ao cânone. A adaptação dos livros, por exemplo, deve ser considerada, pois mesmo os clássicos devem ser avaliados como pertinentes pelos professores ao público leitor que atendem. Isso não deve ser entendido como uma “negação” dos clássicos aos alunos, mas, segundo Abreu (2000) “as formas de ler e avaliar os textos variam se considerarem diferentes classes sociais, religiões, etnias, etc.”

Quem leu tudo de Heródoto e de Tucídides levante a mão. E de Saint-Simon? E do cardeal de Retz? E também os grandes ciclos romanesco do Oitocentos são mais citados do que lidos. Na França, se começa a ler

Balzac na escola, e pelo número de edições em circulação, se diria que continuam a lê-lo mesmo depois. Mas na Itália, se fosse feita uma pesquisa, temo que Balzac apareceria nos último lugares. Os apaixonados por Dickens na Itália constituem uma restrita elite de pessoas que, quando se encontram, começam a falar de episódios e personagens como se fosse de amigos comuns. (CALVINO, 1993, p. 9).

O professor de literatura do Ensino Fundamental – anos iniciais – deve analisar sua postura em relação ao uso dos clássicos em sala de aula, pois, dessa forma, poderá fugir dos extremos: a alienação aos clássicos ou sua sacralização em detrimento de outros textos literários. As experiências dos leitores, suas leituras realizadas anteriormente, podem auxiliar na escolha das obras a serem lidas em sala de aula.

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes. (CALVINO, 1993, p. 11).

Para públicos leitores diversos, há de se admitir as peculiaridades locais, os costumes, a apreciação estética que pode variar de acordo com suas condições e vivência da leitura durante todo seu trajeto escolar, pois o gosto e a estética não são universais, eles dependem do universo cultural no qual o leitor está inserido; quem pode avaliar as peculiaridades do aluno leitor é o professor que está em contato com ele e com seus hábitos de leitura diariamente. Uma obra pode ser lida e refletida por diferentes formações culturais. Não devemos abrir mão da tarefa de julgar e hierarquizar o conjunto de textos e nos contentar em compreendê-los dentro do sistema de valores em que foram criados. O inadequado é avaliar todas as obras compostas segundo os critérios pertinentes apenas à criação erudita (ABREU, 2000).

Não se está propondo, como se vê, que se abandone o estudo do texto literário canônico, e sim que a escola (...) garanta espaço para a diversidade de textos e leituras, que garanta espaço para o outro. Alargar o conhecimento da própria cultura e o interesse pela cultura alheia poderia ser um bom mote para estudos literários, entendendo *próprio* e *alheio* em cada contexto cultural. A literatura erudita pode interessar a comunidades afastadas da elite intelectual, não porque devem conhecer a “verdadeira” literatura, a “autêntica” expressão do que “melhor” se produziu no Brasil, mas como forma de compreensão daquilo que setores intelectualizados elegeram como as obras imaginativas mais relevantes para sua cultura. Do mesmo modo, pode-se estudar e analisar os textos não canonizados, o que para alguns significará refletir sobre sua própria cultura e, para outros, o

conhecimento das variadas formas de criação poética e ficcional. (ABREU, 2000, p.133).

O olhar das aulas de literatura precisa ser isento de preconceitos quanto aos muitos tipos de literatura que os alunos podem conhecer. A partir da oralidade, por exemplo, os avós e pais transmitem causos, anedotas e até mesmo narrativas extensas sobre fatos passados. Os alunos precisam entender que a cultura transmitida por gerações passadas (algumas iletradas) não é descartada pela escola, pelo contrário, pode servir para valorizá-los enquanto membros de uma comunidade que possui história, que, no caso das sociedades campestres, formou personagens e enredos lendários, a maioria deles ligados ao sobrenatural.

Se o professor incitar julgamentos de comparação com os clássicos menosprezando totalmente as obras populares, estará colaborando para que o aluno se sinta disperso durante as aulas de literatura, sentindo a cultura como algo distante, inalcançável, muitas vezes, para sua realidade.

Conhecer os clássicos não deve se tornar privilégio para alunos que se interessam pela “melhor parte” da literatura mundial; deve sim, ser um direito deles como cidadãos que, considerando o espaço escolar, devem conhecer o que é relevante para a cultura mundial, o que foi consagrado a partir do cânone e, também, a razão que leva essas obras clássicas a serem consideradas importantes.

Dessa forma, faz-se necessário utilizar as obras populares (orais ou não) e, também, os clássicos, para demonstrar ao aluno as várias possibilidades culturais que ele pode conhecer. Para Italo Calvino (1993) o rendimento da leitura dos clássicos é maior para aquele que consegue dosá-la com leituras diversas. A literatura na escola se abre à oralidade, aos temas e autores populares (cordel, quadrinhos) e às experiências que o leitor teve em sua vida cotidiana, mas não pode abandonar o clássico.

Antônio Cândido (1973) afirma que a literatura é um direito do cidadão, o Clássico, como obra consagrada pelo cânone e pela tradição, traz em si características atemporais e universais, portanto, o professor não deve privar seu aluno de ser um leitor dos clássicos, pois estaria lhe privando um direito como cidadão.

2.4. A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

As mudanças ocorridas na Europa a partir da Revolução Francesa no ano de 1789 não se restringiram à política e ao velho continente. A influência do evento no mundo ocidental fez com que as estruturas familiares se modificassem e propiciou o nascimento da infância, fase da vida humana até então esquecida e desconsiderada em meio aos grandes feudos e às grandes organizações familiares.

Surge a “criança” e com ela a necessidade de uma literatura que a satisfizesse, mantendo-a pura e moldando sua mente conforme o esperado pela burguesia. As escolas se abrem à necessidade de acolher um alunado maior e a literatura oral dos contos de fadas passa a ser reunida em livros com ambição de trabalhar conceitos morais de ética e bons costumes. Os Irmãos Grimm (Alemanha) são grandes colaboradores para a passagem dos contos orais da tradição europeia para a tradição escrita no século XIX.

Enquanto a burguesia ascendia, associava-se a aparelhos ideológicos que buscavam fortificá-la na sociedade. A escola se tornou um destes aparelhos ideológicos e, portanto, a literatura trabalhada na instituição escolar buscava formar um novo conceito de ser criança.

A nova organização da família burguesa precisava que a criança fosse entendida como um ser humano especial, que precisava de cuidados, que possuía peculiaridades e, portanto, merecia sua própria literatura.

Na efervescência da República Velha no Brasil, os editores consideraram como proveitoso o filão de livros que surgia para o comércio escolar. Entre traduções de obras estrangeiras e produções utilizadas como material escolar destacava-se a distância linguística entre a realidade dos leitores e os textos disponíveis.

Desde o início, a literatura infantil foi marcada pelo caráter pedagógico em muitas obras, em histórias que convertiam a literatura em um instrumento da pedagogia. O projeto ideológico brasileiro da época da República Velha via no texto infantil e na escola aliados imprescindíveis na formação do cidadão. O protagonista infantil é estereotipado, ora representando bons comportamentos a serem seguidos, ora representando maus comportamentos que deveriam ser evitados pelos leitores infantis. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984).

Na década de 1920, surgiu no Brasil o grande divisor de águas da literatura infantil: Monteiro Lobato. José Renato Monteiro Lobato (mais tarde José Bento) era neto de um grande proprietário de terras: o Visconde de Tremembé. Herdeiro do avô, Lobato vendeu a fazenda Buquira no ano de 1917, o que possibilitou sua entrada definitiva no mundo da literatura e da publicação e comercialização de livros. Antes de 1917, porém, ele já escrevia para o periódico *O Estado de São Paulo* e os artigos intitulados *Urupês* e *Uma velha praga* tornaram-no conhecido. Os artigos criticavam a situação do homem do campo no Brasil. (CECCANTINI; VALENTE, 2010).

A história de vida do escritor, em meio a um país que passava lentamente da realidade rural para a urbana, refletiu-se em sua obra, pois no ano de 1920 o Sítio do Picapau Amarelo surgiu para as crianças na edição de *A menina do narizinho arrebitado* que, em 1931, passaria a ser intitulado *Reinações de Narizinho*.

Surgem então os personagens da Turma do Sítio: Narizinho, Emília, Pedrinho, Dona Benta, Tia Nastácia, Tio Barnabé, Marquês de Rabicó e Visconde de Sabugosa. Se até então os protagonistas dos livros infantis eram crianças estereotipadas, Monteiro Lobato torna-se responsável por criar em Narizinho, Pedrinho e em Emília (a boneca que virou gente) a figura da criança emancipada, que tem o direito de se pronunciar, de viver aventuras, de abrir as portas do sítio para a imaginação. O pai e a mãe perfeitos estão ausentes no livro, sendo substituídos por uma avó compassiva e sábia, além de uma cozinheira que pode ser, por vezes, instigada pelas crianças espertas e desenvoltas.

A esperteza e a sabedoria das crianças não se convertem em comportamento exemplar que a sociedade do início do século XX acreditava ser o melhor para a infância; pelo contrário, os netos de Dona Benta e a boneca Emília adentram em mundos da fantasia, em Reinos de Águas Claras com príncipes peixes ou até mesmo admiram a organização do Reino das Abelhas, comparando-o com o mundo humano.

Para Lobato, esse “livre pensar” das crianças era muito importante. Narizinho toma a iniciativa de organizar o casamento de Emília com o Marquês de Rabicó, além de não se importar com as críticas da avó quanto ao seu próprio casamento com o Príncipe Escamado (o peixe governante do Reino das Águas Claras). A tomada de posição dos personagens é nítida a partir das falas inúmeras vezes, autoritárias de Emília ou até mesmo de Narizinho.

A linguagem da obra infantil de Lobato é algo a se destacar, pois as crianças aproximam-se das falas dos personagens e do narrador a partir da forma coloquial de expressão, uma grande dádiva dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo (CECCANTINI; VALENTE, 2010).

Monteiro Lobato une aos personagens tradicionais do sítio representantes da cultura midiática: Tom Mix, Gato Félix, Popeye; outros da literatura universal: Peter Pan, Dom Quixote, além de personagens da cultura grega clássica: Minotauro, Hércules, Péricles. Os personagens dos contos de fadas têm passagem garantida pela obra de Lobato também.

Se os personagens do sítio se envolvem em questões pedagógicas: *História do mundo para crianças* (1933), *Emília no país da gramática* (1934), *Aritmética da Emília* (1935), *Geografia de Dona Benta* (1935), *História das invenções* (1935); também adentram no mundo das aventuras: *Viagem ao céu* (1932), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *Memórias de Emília* (1936), *O Sítio do Picapau Amarelo* (1939). Incorporando elementos do mundo real e contemporâneo a ele, Lobato utiliza fatos da sua época nos livros, como a Segunda Guerra Mundial, que aparece em *Reforma da natureza* (1941) e *A chave do tamanho* (1942) (CECCANTINI; VALENTE, 2010).

É impossível falar da obra de Monteiro Lobato sem lembrar sua luta pelas causas nas quais acreditava. O homem que voltou dos Estados Unidos ao final da década de 1920 encantou-se com a prosperidade e a evolução tecnológica que vivenciou por lá, ambicionando trazer o mesmo para as terras brasileiras. Uma de suas grandes lutas foi pela exploração do petróleo no Brasil e as críticas, que fazia ao governo sobre a falta de interesse nessa exploração, renderam o livro *O povo do Visconde* (1937) no qual a turma do sítio fica milionária após descobrir um poço de petróleo nas terras quase improdutivas de Dona Benta. Isso demonstra que o sítio reflete o próprio Brasil, com o passado rural ainda vivo e a tecnologia distante do homem do campo, permitindo-lhe enriquecer apenas com a descoberta do petróleo (CECCANTINI; VALENTE, 2010).

Como explicar a grande repercussão da obra de Monteiro Lobato entre as crianças? Abandonando o caráter pedagógico das obras infantis publicadas antes dele no Brasil, Lobato se aproxima do leitor a partir dos personagens que fogem ao maniqueísmo tão caro à literatura infantil, além de recheiar suas histórias com fantasia, aventura, e uma linguagem mais próxima do leitor criança.

Como explicar as razões de tão extraordinária repercussão? (...) Em primeiro lugar a extrema objetividade observada nas narrações. Tudo é direto, preciso. Nada de rodeios inúteis ou de retórica pedante. As coisas possuem nomes próprios e o autor tem sempre o bom gosto de não mudá-los por outros mais bonitos. É sempre claro, transparente. (CAVALHEIRO, 1962, p. 152).

Para finalizar a questão de Lobato ser um divisor de águas na literatura infantil brasileira, é importante destacar que os leitores ficavam curiosos para ler os próximos livros nos quais os personagens do sítio iriam aparecer. É como um ciclo que se renovava a cada narrativa, a cada nova aventura, a cada nova descoberta.

Depois da fase lobatiana no Brasil (o escritor publica *Os 12 Trabalhos de Hércules*, em 1944, e falece no ano de 1948), surge uma fase na literatura infantil brasileira de profissionalização do escritor. Em meados da década de 1940 surgem os escritores em série, o que leva Lourenço Filho a criticar severamente o desenvolvimento da literatura infantil brasileira, afirmando, no ano de 1942 numa palestra aos membros da Academia Brasileira de Letras, que a quantidade de livros infantis publicados naquele ano (cerca de 605 trabalhos) não era animadora, pois qualitativamente pouco se aproveitava. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988).

Mas esse não seria um retrocesso aos tempos anteriores a Lobato pois, na década de 1970, o país vive uma renovação da literatura infantil, com autores consagrados das letras adultas inserindo-se no promissor mercado de livros para crianças. É o caso de Clarice Lispector, Mário Quintana, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles e Érico Veríssimo (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988).

A partir dos anos 70 a literatura infantil continuou sendo produzida em alta escala no Brasil e, mais tardem, cerca de duas décadas depois, projetos do Governo Federal como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) proporcionaram a distribuição de obras para as instituições escolares, além de garantir ao professor a chance de escolher entre essas obras as mais pertinentes para o trabalho em sala de aula.

No âmbito da Educação oficial, aprovam-se leis defendendo “a escola para todos” e exigindo reformas pedagógicas que levem a *alfabetização* para todos os cidadãos, independente de sua classe social ou posses. E a *leitura* passou a ser o *ideal básico* de todos (...) (COELHO, 2000, p. 118).

A ambiguidade do homem (nem totalmente bom, nem totalmente mau) surge com maior força na literatura infantil brasileira contemporânea, na intenção de dotar as personagens de naturalidade humana, assim como Monteiro Lobato fez com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo.

2.5. O MINOTAURO DE MONTEIRO LOBATO

Coelho (2000) afirma que no início do século XX, surgiu na literatura infantil a tendência a substituir o herói individual pelo grupo, por meninos e meninas normais e até questionadores das verdades propostas pelos adultos. O divisor de águas na literatura infantil brasileira não ficou de fora desta tendência: Monteiro Lobato criou personagens que se encaixavam no grupo aventureiro proposto pela nova literatura infantil.

Na narrativa *O Minotauro* (1939), o rapto de Tia Nastácia pelo Minotauro faz com que Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde de Sabugosa e Dona Benta iniciem uma aventura pela Grécia mitológica. A união da mitologia com os heróis lobatianos não poderia ser mais compensadora para o leitor, pois, a partir da escrita precisa do escritor, o romance foge do risco de se tornar um livro paradidático, pois não se resume a contribuir para que os leitores apenas conheçam a Grécia de Péricles e dos mitos.

Durante as conversas entre Dona Benta e o governante Péricles torna-se clara a opção dela em creditá-lo como um bom governante, o que não a impede de fazer críticas ao regime escravocrata da época. Ao leitor é dada a oportunidade de refletir sobre a consciência daquela senhora recém saída de um país pós - escravidão, que não entende como um homem justo como Péricles ainda mantenha escravos nas terras gregas.

Enquanto Dona Benta e Narizinho estão no século de Péricles, a avaliação crítica é permanente, pois elas discutem a organização político-social dos gregos, suas manifestações artísticas e culturais, seus valores, relacionando-os aos da época de Lobato, em um movimento comparativo e contrastivo. A obra faculta ao leitor, assim, o contato com o passado de forma reflexiva, fornecendo elementos para análise e compreensão de valores antigos, a fim de capacitá-lo à apreciação de seu momento presente. (GALVÃO, 2009, p. 429).

Embora Dona Benta sinta a diferença entre a Grécia moderna “sem graça” e a Grécia da grande arte e dos pensadores, o saudosismo não é inerente às críticas e cabe ao leitor julgá-lo.

A modernidade dos habitantes do Sítio do Picapau Amarelo, que chegam até a Grécia de Péricles no navio Beija-Flor das Ondas, com suas roupas diferentes, procurando por uma negra aprisionada pelo Minotauro, falando sobre um tempo futuro no qual a organização social era totalmente diversa, chocou os gregos e, até mesmo, o governante Péricles. Porém, logo eles assimilam a presença dos visitantes e os incluem em suas atividades cotidianas, como as festas, as visitas de grandes figuras da época, como Sófocles e Aristóteles.

Se a diversidade cultural é visível no século de Péricles, ela tem maior destaque nos tempos heroicos de Héracles e companhia. Ao inalar o pó de Pirlimpimpim e adentrar o período da Grécia mitológica, os heróis lobatianos encontram um jovem pastor que, assustado com a situação, não sabe como agir. Quando Emília resolve mostrar a ele uma caixa de fósforos e a facilidade de conseguir o fogo, o pastor fica até certo ponto entristecido ao perceber como Prometeu pagara caro por algo tão facilmente encontrado no futuro.

Mesmo o Olimpo, a morada dos deuses, tem as suas fraquezas, pois Emília, Pedrinho e o Visconde conseguem adentrá-la e até provar o néctar e a ambrosia, a comida divina. Um grande momento da narrativa é quando os visitantes são testemunhas da luta de Héracles² com a Hidra de Lerna, um dos seus doze trabalhos. A violência de Héracles, sua força e seu poder de domínio durante a briga assustam os heróis modernos que, em face disso, chamam o semideus de “fera”.

Lobato adere ao propósito grego de mostrar os deuses e semideuses próximos ao ser humano, diferente do ideal de perfeição cristã promulgado por mais de dois mil anos. A morada dos deuses pode receber espiões como os do Sítio do Picapau Amarelo, portanto não é perfeitamente segura. Mesmo sendo criaturas divinas, o grande Zeus, Hera, Afrodite, Apolo, precisam se alimentar do néctar e da ambrosia. Héracles é o maior herói grego, filho do pai de todos os deuses: Zeus; isso não o impede de assustar Emília, Pedrinho e Visconde de Sabugosa durante

² Na narrativa *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944), Monteiro Lobato apresenta detalhadamente o maior dos heróis gregos e os doze trabalhos que o fizeram famoso, inclusive a luta contra a Hidra de Lerna.

uma luta com um monstro, aliás, Hércules causa mais medo neste momento do que a própria Hidra de Lerna.

Se a perfeição e a idealização fogem aos aspectos descritivos da Grécia mitológica também não são encontradas nos personagens do sítio. Emília é uma boneca de pano que ganhou vida “pano ordinário”, como afirma sua criadora Tia Nastácia), uma criança que foge aos padrões do que a literatura pedagogizante brasileira do século XIX propunha. Ela discute, defende sua opinião mesmo que essa seja preconceituosa ou absurda, não mede esforços para conseguir que deseje. É por ela que Pedrinho e o Visconde resolvem visitar o Olimpo, é sua esperteza que faz com que decifrem os enigmas da temida Esfinge, ela consegue transformar um sábio em seu carregador de mochilas a partir de sua astúcia e seu poder de domínio. Seu propósito é recuperar sua preta cozinheira e ela está certa de que conseguirá isso.

A eficácia de Monteiro Lobato em recriar elementos maravilhosos nos enredos dos romances do Sítio do Picapau Amarelo tem destaque em *O Minotauro* (1939). A mitologia³ aparece já no título, com o monstro meio homem meio touro que, ao contrário da história oficial da mitologia grega, não morreu pelas mãos de Teseu, está vivo e não resiste aos bolinhos de Tia Nastácia. Quando Emília e companhia entram no labirinto, é a boneca que faz o papel que coube à Ariadne: a de marcar o caminho com fios de um novelo para não se perder. Ao encontrarem o Minotauro, os heróis de Lobato não precisam usar as artimanhas da luta como Teseu. O monstro está domesticado pela culinária de Tia Nastácia, fato que lhe salvou a vida. Desta forma, Monteiro Lobato inclui aspectos da mitologia sem obrigação de ser fiel ou de dar explicações pedagógicas aos leitores mirins, e, mesmo personagens como Sófocles e Aristóteles na Grécia de Péricles, não são base para longas explicações históricas ou filosóficas.

A dicotomia entre o Sítio do Picapau Amarelo e a Grécia ganha destaque quando o leitor percebe que o Minotauro, por ser um monstro, uma criatura assustadora, foi aprisionado num labirinto longe da sociedade, enquanto o sítio é uma pequena democracia que aceita figuras humanas, monstruosas (Saci, Mula sem Cabeça), além de frutos de transformação mágica (Emília, Visconde de

³ No mito de Teseu e o Minotauro o herói grego vence o monstro do labirinto de Creta e consegue libertar-se com a ajuda da filha do Rei Minos - a princesa Ariadne - que lhe oferece um novelo de linha para que marque a entrada do local. Em troca do favor, ela pediu a mão de Teseu em casamento.

Sabugosa). A sociedade grega dos deuses e mitos permitia sentimentos e relacionamentos próximos aos humanos, como os de um rei que mantém o filho monstruoso aprisionado e provém seu sustento de um acordo com o rei vizinho que o obriga a enviar-lhe humanos para serem devorados a cada ano.

E Lobato é um divisor de águas por criar um ambiente como o Sítio do Picapau Amarelo e por criar personagens livres como as crianças que o habitam. Os heróis do sítio crescem livres no ambiente da mata, convivem com adultos, adentram reinos distantes, viajam pelo tempo, não são poupados de perigos e de experiências duras. A partir da emancipação, os personagens crianças se relacionam com os adultos: conversam, contestam, convivem.

Num universo que promove a integração de crianças e adultos em uma mesma aventura e que apresenta o constante estabelecimento de relações entre realidade e fantasia, o leitor encontra dois mundos em constante transformação: o mundo grego e o Sítio. Se, nos dois mundos, a transformação é possível, talvez no universo do leitor ela também o seja. A fantasia contribui, assim, para a transformação do leitor hábil, não apenas para a compreensão de procedimentos textuais, mas também, para a reflexão sobre o mundo do qual os textos fazem parte. (GALVÃO, 2009, p. 431).

O leitor consegue perceber que não há limites entre realidade e fantasia, portanto, sua imaginação pode também ser ilimitada. Existe então a possibilidade do homem realizar um grande anseio: voar para outros tempos, fugir da realidade que o cerca. Fugir do ambiente campestre tranquilo do século XXI para adentrar os campos da Tessália junto de Emília, Pedrinho e do Visconde de Sabugosa, ver a possibilidade de modificar-se como o próprio Minotauro modificou-se, são algumas das experiências que podem resultar da leitura de *O Minotauro* (1939) pelos alunos da Educação do campo.

A experiência de Monteiro Lobato em transpor para seus livros personagens de fora deles faz com que, a partir do mito do labirinto do Minotauro, o jovem leitor tenha suscitada em si a curiosidade de conhecer o que é perigoso, de romper barreiras do que é proibido, de penetrar num mundo até então desconhecido e distante.

Embora os heróis, no espaço da aventura, vivam experiências amedrontadoras, o medo que sentem pode ser prazeroso para o leitor, porque há a expectativa de um desenlace – dos livros e do mundo –, o leitor sabe que os “monstros” de *O Minotauro* pertencem ao imaginário, são objetos mentais que ele domina e com os quais pode interagir, quando desejar, por meio da leitura. Segundo Jacqueline Held (1980), o leitor tem

necessidade de mitos, de símbolos, de situações compensadoras para superar dificuldades transitórias e atingir um equilíbrio real-imaginário. Além disso, a aventura produz prazer, devido à percepção pelo leitor de que ela permitiu às personagens a obtenção de uma vitória que lhes facultou sabedoria, diversão e reconhecimento. (GALVÃO, 2009, p. 434).

Libertando-se dos “monstros obscuros” a partir de uma leitura produtiva, o jovem leitor descobre que um texto literário propicia interpretações, diálogos com outros textos, e essa é uma descoberta que só acontece com a literatura, pois ela serve como instrumento de libertação.

Dona Benta, a personagem adulta que detém conhecimento, age inúmeras vezes como a porta-voz de Lobato: pacifista, que se refere à guerra como uma burrice; amante da arte, quando admira a beleza do panteão em construção; sábia, quando disserta sobre vários temas, entre eles, a história mundial. Lobato acerta ao deixar Dona Benta na Grécia de Péricles enquanto Emília, Pedrinho e o Visconde de Sabugosa vão para a Grécia mitológica, pois sem os serões da velha senhora com o governante, vários aspectos da obra tornar-se-iam pobres, entre eles, a influência grega na cultura ocidental. Até mesmo o rinoceronte Quindim tem o nome grego! A beleza grega é ideal para Dona Benta, a arte grega e a arquitetura são as mais perfeitas, influência para o mundo e, segundo a idosa, é uma grande pena que a modernidade não valorize ainda mais a herança helênica.

Sem lições pedagógicas, sem aula de história, Monteiro Lobato faz de *O Minotauro* (1939) uma narrativa central da literatura infantil brasileira, a partir do momento em que permite a Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa, Narizinho e Dona Benta serem eles mesmos, sem limitações de pensamento, adentrando as salas de Péricles ou a morada dos deuses, se relacionado com grandes filósofos, arquitetos e artistas da cultura grega e também com humildes pastores ou com semideuses e monstros míticos.

À criança não é poupada da aventura, nem os perigos que ela apresenta e, Dona Benta, uma avó amorosa, permite que os netos a viagem que sejam conduzidos pela imaginação e pela coragem aos mais distantes e interessantes lugares.

2.5.1 *O Minotauro*: uma narrativa ingênua?

A aventura na narrativa *O Minotauro* (1939), de Monteiro Lobato é garantida pela viagem de Emília, Pedrinho e do Visconde de Sabugosa à Grécia do Minotauro para libertar Tia Nastácia do monstro e levá-la de volta para a casa, mas o que o diferencia de tantas outras narrativas infantis que também apresentam a aventura como mote?

Monteiro Lobato deixa Dona Benta em casa de Péricles, no período que a velha senhora considera a “Era de ouro” de uma Grécia que se tornou imortal e desta forma, é possibilitado ao leitor conhecer aspectos políticos, sociais e culturais de um país não tão mágico quanto aquele no qual deuses habitam o Monte Olimpo e se alimentam de ambrosia e néctar.

Duas figuras centrais dominam o enredo da narrativa desde que os personagens do sítio abarcam nas duas Grécias: o histórico e político Péricles e o mítico e monstruoso Minotauro. O primeiro vive em uma bela casa cercado por intelectuais e servos que o auxiliam o governo de uma nação desenvolvida, enquanto o segundo é trancado em um labirinto devido a seu aspecto monstruoso e seu comportamento nocivo aos humanos. Embora seja parte da nobreza de Creta, o Minotauro não é poupado do cárcere e da vergonha de ser diferente e assustador.

Sendo a narrativa *O Minotauro* publicada no ano de 1939 no Brasil, país que vivia a ditadura de Getúlio Vargas, as comparações entre o governante brasileiro e o grego são inevitáveis: Vargas, assim como Péricles, marcou história, mas a verdadeira liberdade foi privada ao seu povo. Dona Benta critica o fato de uma sociedade desenvolvida como a Grécia governada por Péricles ainda manter o sistema escravocrata como regime enraizado historicamente.

Péricles é bom governante, incentiva a cultura, nunca em outro tempo se viu tanto desenvolvimento e apoio à arte, mas nem todos têm a liberdade para apreciá-la e viver os méritos do Paternão ou das peças de Sófocles. Para muitos homens é negado o direito de conhecer a filosofia de Aristóteles, de observar os desfiles da em honra da deusa Palas Atena, de ser considerado cidadão. No Brasil há efervescência literária, há cinemas e teatros pelo país, mas os homens e mulheres não podem escolher seus representantes, a eles é oferecido o que aparece filtrado pela coerência do que é “bom ou mau” segundo seu líder político.

Enquanto Dona Benta conversa com Péricles e lhe chama a atenção para seu governo com “pequenos defeitos” como a escravidão, o monstro perigoso mítico está em seu labirinto em Creta passivo, amortecido pelos bolinhos de Tia Nastácia, uma simples guloseima que consegue domar seu instinto carnívoro assassino.

A ingenuidade do enredo de Monteiro Lobato acaba em episódios que mostram inúmeras vezes que o mítico irreal é bem menos perigoso do que o real e histórico. Para Emília, Pedrinho e o Visconde de Sabugosa é fácil vencer os obstáculos mitológicos: os enigmas da Esfinge são facilmente decifrados, assim como é fácil entrar no Monte Olimpo e roubar a comida dos deuses, até mesmo auxiliar Hércules a se recuperar de uma picada mortal da Hidra de Lerna, mas não é fácil livrar uma sociedade desenvolvida de um regime escravocrata de séculos de tradição.

Portanto, o que difere *O Minotauro* (1939), de Monteiro Lobato de outras narrativas infantis de mesmo tema é a forma como o escritor retira a ingenuidade do enredo inserindo aspectos políticos e críticos tanto para a sociedade brasileira quanto para a grega, mostrando que mesmo uma nação “perfeita” tem seus prós e contras, suas injustiças e problemas éticos. Na narrativa de Lobato, os verdadeiros medos não estão nos seres monstruosos e míticos, estão em privar-se da liberdade e em não poder sair e ultrapassar o labirinto da sociedade que escraviza e priva cidadãos dos seus direitos.

3. O LETRAMENTO LITERÁRIO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

3.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A grande preocupação das séries iniciais do Ensino Fundamental é a alfabetização. De acordo com o “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa”, a criança precisa estar com o processo de alfabetização completo aos oito anos de idade. O “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” é um programa do Governo Federal que tem como objetivo capacitar professores da Educação Básica, precisamente dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, para que utilizem processos de alfabetização que promovam a capacidade de leitura e escrita até o fim do terceiro ano dos anos iniciais.

Os professores alfabetizadores correm o risco de dar ênfase num processo estanque de aquisição da escrita e da leitura, pois as cobranças quanto à “fluência” delas é corrente entre os membros do meio escolar. A característica do processo encerrado e plenamente fechado é uma distinção que distancia cada vez mais o conceito de alfabetização do processo de letramento.

O termo letramento é relativamente novo, Magda Soares (1985), uma das primeiras e principais estudiosas do tema, utiliza apenas a palavra alfabetização e, mesmo não utilizando o primeiro termo o define ao esclarecer que o segundo não basta, pois, etimologicamente, não ultrapassa o sentido de “aquisição do alfabeto”. Soares faz uma distinção importante quando afirma:

É verdade que, de certa forma, a aprendizagem da língua materna, quer escrita, quer oral, é um processo permanente, nunca interrompido. Entretanto, é preciso diferenciar um processo de aquisição da língua (oral e escrita); este último é que, sem dúvida, nunca é interrompido. (SOARES, 1985, p. 15).

O processo de aquisição da língua não é interrompido e não deve ficar resumido a um fato mecânico, encerrado em sala de aula, sem contextualização com temas pertinentes ao mundo no qual o aluno está inserido. Magda Soares disserta sobre a prática social que faz do alfabetismo (em 1985 a escritora não utilizava ainda o termo *letramento*) diferente de uma prática isolada à posse individual das habilidades de leitura e escrita.

Do ponto de vista social, o alfabetismo não é apenas, nem essencialmente, um estado ou condição pessoal; é, sobretudo, uma prática social: o alfabetismo é o que as pessoas *fazem* com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita, em determinado contexto, é a relação estabelecida entre as habilidades e conhecimentos e as necessidades, os valores e as práticas sociais. Em outras palavras, o alfabetismo não se limita pura e simplesmente à posse individual de habilidades e conhecimentos; implica também, e talvez principalmente, um conjunto de práticas sociais associadas com a leitura e a escrita, efetivamente exercidas pelas pessoas em um contexto social específico. (SOARES, 1985, p. 33).

O letramento não se resume, então, à aquisição da língua oral e escrita, mas se estende ao uso dela exercido de forma social. Há uma dimensão sociopolítica do letramento que deixa claro o cuidado que se deve ter ao refletir sobre ele.

Há interpretações conflitantes sobre a natureza da dimensão sociopolítica do letramento. De acordo com a perspectiva progressista e liberal, o letramento é responsável por produzir resultados importantes como o desenvolvimento cognitivo e econômico, a mobilidade social, o progresso profissional e, por conseguinte, a cidadania. Outra perspectiva das relações de letramento e sociedade é a interpretação revolucionária. (BORTONI, 2015, p. 153).

Bortoni (2015) cita Freire (1994) como um dos primeiros educadores a realçar o poder revolucionário do letramento, pois, para ele, ser alfabetizado é ser capaz de usar a leitura e a escrita como uma forma de tomar consciência da realidade do mundo e também de transformá-la.

O letramento, portanto, visa a que o educando use suas habilidades de leitura e escrita em sala de aula e na sociedade, sendo um leitor atuante e reflexivo acerca do que lhe é oferecido como leitura.

3.2. O LETRAMENTO LITERÁRIO

Pensar o letramento envolvendo textos literários significa pensar uma nova forma de relação entre a escola e a literatura. É um processo e começa desde as primeiras experiências com a literatura até a formação definitiva do aluno como leitor competente que se apropria do texto literário, o internaliza como se fosse propriedade sua.

Ao entender o conceito de letramento como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita como um sistema simbólico, e que a usam dentro de

padrões tecnológicos para finalidades específicas e em contextos específicos, a apropriação do conceito ao campo dos estudos literários pode ser pertinente, se operarmos uma modulação fundamental: trabalhar com a escrita mencionada no conceito, mas compreendida dentro das especificidades concernentes aos textos literários. Se considerarmos a literatura como um tipo de escrita que se especifica e se distingue de outros tipos de escrita, o conceito de letramento mostra-se bastante produtivo para o entendimento de alguns aspectos que tangem os modos de produção, recepção e circulação da literatura e consequentemente, seu ensino. (ZAPPONE, 2008, p. 52).

É importante, portanto, que o professor trabalhe o texto literário em sala de aula considerando suas particularidades em contraste com textos funcionais presentes em vários suportes pedagógicos. Ao levar o aluno a entender o processo de leitura e escrita literária, permite-se a ele maior facilidade para usufruir da literatura como arte e também expansão dos meios de reflexão e aceitação dela em seu meio social.

Como o letramento implica usos sociais da escrita, saindo da esfera estritamente individual, infere-se que o letramento literário está associado a diferentes domínios da vida (o letramento implica usos da escrita literária para objetivos específicos em contextos específicos) e, nesse sentido, seria interessante pensar em quais contextos ou espaços sociais podem ser observadas essas práticas de letramento literário que são plurais. (ZAPPONE, 2008, p. 53).

Zappone (2008) defende que a prática social a ser observada está no campo de adaptações televisivas e cinematográficas, livros de grande vendagem e também as obras canônicas. Ao seguir esse pensamento, há duas formas de se ver a literatura: a escolar, com tarefas e avaliações tradicionais, e a social, que implica o prazer, o conhecimento, o *status* de leitor na sociedade.

Cyana Leahy Dios (2004) questiona a razão de ensinarmos literatura na escola: ela é um simples prazer ou tem relevância na vida social do aluno-leitor? De acordo com o letramento literário, a literatura tem relevância na vida social de quem a lê, pois promove a sua emancipação a partir do desenvolvimento do leitor e do seu crescimento como ser que lê, entende o que lê e utiliza socialmente a leitura como forma de modificar a realidade na qual vive e da qual participa.

Para fazer uso social do texto o leitor precisa ir além dos seus domínios e não se preocupar apenas com questões pontuais e formais como a forma que caracteriza o gênero ao qual o texto pertence ou mesmo episódios da biografia do

autor. É preciso ir além do que está escrito e pode ser facilmente decodificado, é preciso ler verdadeiramente e não mecanicamente.

Fora dos domínios do texto, o letramento literário faz conhecer as práticas anteriores e posteriores à escola, bem como as que se fazem paralelamente a ela. O aluno que lê é um ser social, com relações construídas com a literatura em meio ao mundo no qual vive.

[...] o conceito de letramento, aplicado ao estudo da literatura mostra-se bastante fértil, pois permite uma compreensão do literário situada para fora dos domínios estritamente ligados ao texto e abrem perspectivas para o estudo de variados aspectos relacionados ao modo como se constroem os padrões sociais de letramento literário que levam à efetuação de diferentes práticas em diferentes contextos. Conhecer as práticas de letramento literário presentes na escola bem como as práticas de letramento literários presentes em diferentes âmbitos sociais podem contribuir para que se possa pensar nas relações entre essas duas esferas, escola e vida social, fazendo-as convergir para formação de indivíduos com graus de letramento e de letramento literário cada vez maiores. (ZAPPONE, 2008, p. 54).

É preciso que o professor encontre métodos para conhecer formas de levar para a sala de aula propostas de mediação de leitura literária que se sustentem a partir de um conceito relativamente novo como é o do letramento literário.

O cuidado com os métodos deve envolver a escolha dos textos literários a serem trabalhados em sala de aula. O aluno tem experiências em sua vida anterior à escola e há estudiosos como Rildo Cosson (2006) e Zappone (2008) que concordam que o letramento literário deve contemplar o clássico para a leitura dos alunos, mas o processo para se chegar até ele passa por outros textos e pelas experiências sociais dos leitores.

O letramento literário não é um processo que pode ser finalizado em uma aula ou mesmo numa avaliação escrita apenas, pois para que ele aconteça é necessário que o leitor passe por uma formação que envolve o que há dentro e fora dele.

3.3. O LETRAMENTO LITERÁRIO, SEGUNDO RILDO COSSON

No livro *Letramento literário: teoria e prática* (2006), Rildo Cosson explica o porquê de denominar sua proposta educacional de letramento literário. Segundo o autor, a escolha foi para “[...] assinalar sua inserção em uma concepção maior de uso da escrita, uma concepção que fosse além das práticas escolares usuais.” (COSSON, 2006, p. 11).

Rildo Cosson se preocupa com o fenômeno dos altos índices do analfabetismo no Brasil, mas uma espécie de analfabetismo que vai além de ler e escrever: aquele que não permite ao leitor e escritor entender aquilo que lê e aquilo que copia do professor dos livros didáticos. A dificuldade para ler e entender o texto literário facilita o trabalho dos professores que pretendem obter respostas exatas e assinaladas com determinação a partir de manuais e cópias.

Para suprir essa necessidade de maior reflexão e emancipação do leitor, Rildo Cosson propõe o letramento literário a partir de suas sequências, a básica e a estendida, e o denomina como:

[...] não a aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão relacionadas a ela. Há, portanto, vários níveis e diferentes tipos de letramento. Em uma sociedade essencialmente letrada como a nossa, mesmo um analfabeto tem participação, ainda que de modo precário, em algum processo de letramento. Do mesmo modo, um indivíduo pode ter um grau sofisticado de letramento em uma área e possuir um conhecimento superficial em outra, dependendo de suas necessidades pessoais e do que a sociedade lhe oferece ou demanda. (COSSON, 2006, p. 12).

Entende-se que o letramento literário é um ato social e que há vários níveis e formas de letramento, o que não exclui os indivíduos com menor conhecimento acadêmico de serem letrados em outras áreas de acordo com a sua necessidade social: o homem do campo que lê e entende a natureza sabe quando plantar e quando colher, a dona de casa que se esforça para tornar sua casa um ambiente agradável, o cozinheiro que procura deixar uma marca no mundo a partir de seus pratos.

O letramento literário proposto por Rildo Cosson necessita de um cuidado em sala de aula, pois o trabalho com os textos literários na escola exige uma sensibilidade e um efetivo domínio do professor e do leitor.

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra, difuso na sociedade. (COSSON, 2006, p. 12).

O letramento literário proposto por Cosson (2006), portanto, defende a literatura em sala de aula, em particular, o clássico texto literário que não é apresentado e imposto aos leitores, mas sim, motivado, introduzido, lido e interpretado, com suas peculiaridades e suas características que o tornaram estabelecido como obra pertencente ao número de livros perpetuados pela sociedade como propícios para a leitura de seguidas gerações.

3.4. A SEQUÊNCIA BÁSICA COMO FORMA DE LETRAMENTO LITERÁRIO

Inúmeros programas escolares surgem para que o processo de alfabetização seja completo e produtivo em nosso país, entre eles, o “Pacto pela Alfabetização na Idade Certa”, projeto do MEC que desenvolve formação para professores do primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Fundamental – anos iniciais – a fim de que os alunos estejam alfabetizados ao completarem oito anos de idade. A leitura é parte do processo de alfabetização almejado pelos professores alvo do “Pacto pela Alfabetização na Idade Certa” e, por isso, do ponto de vista do letramento é:

[...] a habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido a habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui, dentre outras: a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar significados; a capacidade de interpretar seqüências de idéias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas; e, ainda, a habilidade de fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e informação textual, de monitorar a compreensão e modificar o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo. (SOARES, 2001, p. 69).

Rildo Cosson (2006) propõe o letramento literário que leve o aluno a se tornar mais que um decodificador do que lhe é proposto para a leitura. Afinal, o letramento não é um processo encerrado em sala de aula, é de uso social, como também afirma Zappone (2008). Cosson (2006) propõe duas seqüências para o trabalho com literatura em sala de aula: a seqüência Expandida, para o Ensino Médio e a seqüência básica, própria para o Ensino Fundamental.

O aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental tem todo direito de receber a literatura na escola, pois, inúmeras vezes, esse é o principal local no qual ela se destacará para ele. O letramento literário acontecerá a partir de uma sistematização de atividades que o levem a não apenas decodificar o texto literário lido, mas,

principalmente, assimilar os novos conhecimentos, apreciar a obra proposta e, ver a literatura como arte do seu cotidiano estudantil.

Cosson (2006) propõe uma sequência básica para o Ensino Fundamental que leve o aluno a ler um clássico da literatura e emancipar-se durante o processo juntamente com inúmeras atividades envolvendo diferenciados gêneros textuais e suportes que ampliem suas experiências literárias. O aluno que passar pela sequência básica deve perceber que a leitura da obra literária não é apenas a decodificação e nem é passível de interpretações homogêneas pautadas apenas na palavra do professor ou em manuais didáticos. Ele perceberá que a literatura é polissêmica e sua interpretação pode ser heterogênea.

O envolvimento do leitor com a obra se dará num campo além da linguagem e da interpretação formal através de uma ficha de leitura ou apenas da produção de um texto apreciativo, pois a experiência literária não apenas permite saber da vida por meio do outro, como também vivenciar essa experiência (COSSON, 2006).

Graça Paulino (2004) escreve dois anos antes de Cosson (2006) e também defende a ideia de que o letramento literário promove a emancipação do leitor. Para ela,

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 2004, p. 56).

O que chamamos de proposta de leitura a partir das aulas que compõem a sequência básica foge aos moldes tradicionais da imposição da literatura na escola, amplamente criticada por estudiosos modernos. A escolarização não precisa estar ligada ao “dever”, ao ato desconexo da vida dos alunos, ao mero cumprimento de uma tarefa para a aquisição de um conceito de notas que renderá a aprovação do aluno ao final do ano letivo.

Sem prazer, sem envolvimento com o texto, com sua criação de linguagem e de mundo diferente, a leitura se torna funcional, pragmática, com sentido apenas dentro da escola, no ritmo da escola, de acordo com os objetivos didáticos estabelecidos. (PAULINO, 2001, p. 51).

Seguindo a sequência básica de Rildo Cosson (2006), o aluno conhecerá gêneros textuais e literários diferentes, poderá expor suas ideias e debatê-las com o professor e os demais colegas de classe, será preparado adequadamente e acompanhado durante o processo de leitura e interpretação, o professor mediador se livra então do perigo de prestar um desserviço à literatura, tornado-a apenas mais um texto em meio a tantos outros que os alunos conhecem habitualmente.

(A escolarização) adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler. (SOARES, 1999, p. 47).

Rompe-se então com o preconceito quanto à escolarização da literatura, abandona-se também a ideia de que a leitura literária deve ser prazerosa apenas e não produtora de conhecimentos e reflexões intrínsecas ao leitor. Entre as reflexões propostas ao leitor e ao professor mediador a partir do letramento literário é a questão do texto canônico em sala de aula, pois o letramento literário proposto por Cosson (2006) tem atendido às preocupações de vários âmbitos educacionais: o cânone sai ileso da sequência básica, pois seu fim é a leitura deste e a criação de múltiplos significados para a obra lida, promovendo a emancipação do leitor a partir da literatura, evitando, porém, que ela se deixe levar pelo didatismo.

A leitura do clássico não descarta a leitura de outros textos, pois durante as etapas da sequência básica o professor deve propor outras leituras, gêneros literários diversos, assim como metodologias diferenciadas, desde a oralidade e exposição até a interdisciplinaridade com arte, educação física, história etc.

O aspecto avaliativo na obra de Cosson (2006) permite que a literatura seja entendida como uma experiência de leitura que possibilita a evolução do aluno e seu desenvolvimento como ser que busca formar-se como leitor no Ensino Fundamental. Desta forma, Cosson foge aos métodos tradicionais que veem a literatura como um conteúdo a mais a ser estudado, servindo de base para análises gramaticais e até mesmo como fonte historiográfica.

No Ensino Fundamental – anos iniciais – o aluno completa (ou deve completar) o período conhecido como alfabetização. No quinto ano ele deve ser um

bom decodificador, lendo palavras extensas e também textos de variados assuntos. O ideal é que este aluno tenha conhecimento suficiente de literatura para buscar suas próprias leituras nas bibliotecas e livrarias para frequentar. Essa situação, porém, não é constante.

Grande número de professores acredita que a decodificação basta para que o aluno consiga prosseguir seus estudos, não investindo assim no letramento literário, que pode formar leitores competentes ainda no Ensino Fundamental. Leituras desconexas nas quais o único intuito é trabalhar a dicção de palavras complexas são constantes entre as crianças e isso não contribui para que a literatura tenha grande importância nas aulas de português.

Rildo Cosson (2006) também relata uma experiência pessoal envolvendo a escola de seu filho que, segundo propunha em sua base educacional, via a leitura como um bem que bastava por si apenas. Os alunos liam e isso bastava, não havia um trabalho sistematizado nas aulas de português com a literatura. Os melhores alunos eram os que possuíam a carteirinha da biblioteca cheia de anotações de empréstimos, sem dar importância à obra lida, a uma discussão ou mesmo à pertinência dela para aquele público. O autor chega à conclusão de que, se a literatura pode ser escolarizada, deve ser trabalhada em sala de aula com cuidado e com discernimento pelo professor mediador. Dessa forma, o bom leitor não será medido pela quantidade de livros que leu, mas sim, pela forma como leu e pelas reflexões e suposições que fez dos livros.

Para o trabalho com uma turma de alunos do quinto ano do Ensino Fundamental – anos iniciais – o propósito é utilizar a sequência básica composta por três fases: a motivação, introdução, leitura e interpretação, apresentadas a seguir

3. 4. 1 A Motivação

Os alunos do Ensino Fundamental estão sendo formados como leitores, portanto, a motivação é uma fase muito importante da sequência básica. É de responsabilidade do professor utilizar atividades que envolvam o futuro leitor e o deixem curioso e motivado a ler a obra que será proposta.

No início, o título da obra não precisa ter destaque, mas sim a temática, que pode ser sugerida através de atividades lúdicas, como jogos, brincadeiras, intertextualidade com músicas e outros gêneros textuais.

Para o Ensino Fundamental – anos iniciais – é importante que a motivação seja feita de forma leve, é a fase mais informal da sequência básica, que pode trabalhar com produções de desenhos, murais de exposição, pequenos filmes e é de grande importância trabalhar a imaginação dos alunos.

Ao final do processo de desenvolvimento da motivação, os alunos não precisam ter grande conhecimento da obra que vai ser lida, mas devem estar motivados a refletir sobre o tema e as atividades propostas até aquele momento, sabendo que elas levarão a algum lugar e que não foram inúteis ou apenas momentos de distração. (COSSON, 2006).

3.4.2 Introdução

Na introdução os alunos terão conhecimento sobre a obra proposta e conhecerão alguns pontos importantes que a envolvem.

O professor mediador promoverá atividades que introduzirão aspectos formais, históricos e sociológicos do livro que vai propor para a leitura.

O professor já fez uma sondagem da turma, pois convive com eles quatro horas por dia. Portanto, ele deve inferir se é necessário fazer um trabalho sobre o gênero literário da obra a ser lida: o que é um romance? Um conto? Um poema? Uma crônica? Se este trabalho não for necessário, o professor pode partir para outros aspectos da introdução.

Um destes aspectos envolve o autor, quem escreveu o livro? Quais são as outras obras de grande importância deste escritor para a literatura de sua língua? Quais eram as suas características? Elas se manifestam na obra sugerida?

Outro aspecto que deve ser relevante é o contexto de produção do livro: o período histórico no qual o livro foi escrito influenciou em seu conteúdo? Como foi a recepção do público leitor naquele tempo? Hoje a obra continua tendo aceitação ou o livro é considerado ultrapassado de alguma forma?

É necessário também considerar os aspectos sociológicos da obra: o livro representa algum conceito de exclusão social? Alguma crítica a um “pilar” da sociedade? O autor utiliza a linguagem de algum grupo social em particular na obra? O tema do livro é polêmico?

As aulas podem ser expositivas com a participação dos alunos, além de se for oportuno, eles poderem pesquisar na *Internet*, em enciclopédias e livros didáticos de literatura sobre o autor que estão estudando.

Terminada a introdução, os alunos devem estar prontos para começar a leitura, o ponto crucial da sequência básica de Rildo Cosson.

3.4.3 A Leitura

Os alunos já foram motivados e preparados para receber a obra a ser lida. Mesmo que ainda não tenham vivido experiências de leitura reflexiva agora é possível que vivam essa experiência. O livro não será “jogado” em suas mãos sem o menor propósito ou a menor sistematização.

Os alunos devem ter os exemplares da obra proposta e a leitura pode acontecer, em parte, em sala de aula. O professor poderá intermediar essa leitura propondo discussões sobre o avanço dos leitores na obra, sobre aspectos de dificuldade (como a linguagem, por exemplo) e até realizar algumas atividades envolvendo intertextualidade e a leitura de outros gêneros com o mesmo tema do livro que os alunos estão lendo.

É importante que o professor observe a recepção da obra, o entendimento dos alunos (se não estão apenas decodificando) e as críticas dos leitores (é preciso considerá-las mesmo que sejam baseadas, por enquanto, apenas no gosto).

A leitura não será mera distração entre uma aula de português e outra, é importante que, após o término, alunos e professor discutam sobre o que leram:

- I. A linguagem do texto literário foi de fácil ou difícil entendimento?
- II. Os alunos conseguiram entender o enredo e as características dos personagens?
- III. Valeu a pena para eles lerem o livro?
- IV. Quais são as colocações dos alunos após a leitura?

3.4.4 Interpretação

A interpretação não deve ser mecânica e simbólica apenas, reunindo todos os conceitos que o leitor tem do livro em uma ficha de leitura ou um pequeno texto baseado no gosto.

Gêneros literários e experiências de leitura orais e escritas podem ser utilizados na interpretação, bem como a interdisciplinaridade com arte, educação física, através de projetos de dança, composição de músicas, teatros.

Segundo Cosson (2009), na escola é preciso compartilhar, registrar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

3. 5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O LETRAMENTO

O letramento vai além da alfabetização que se encerra nos textos lidos em sala de aula: o aluno deve fazer uso do que aprendeu em sua vida social, tornando-se um cidadão capaz de interpretar as informações que recebe.

O letramento literário é uma nova forma de ensinar e ter a literatura em sala de aula. A proposta de Cosson (2006) tem atendido às preocupações de vários âmbitos educacionais: o cânone sai ileso da sequência básica, pois seu fim é a leitura deste e a criação de múltiplos significados para a obra lida, promovendo a emancipação do leitor a partir da literatura, evitando, porém, que ela deixe-se levar pelo didatismo.

O aspecto avaliativo na obra de Cosson (2006) permite que a literatura seja entendida como uma experiência de leitura que possibilita a evolução do aluno e seu desenvolvimento como ser que busca formar-se como leitor no Ensino Fundamental. Desta forma, Cosson foge a alguns métodos tradicionais que veem a literatura como um conteúdo a mais a ser estudado, servindo de base para análises gramaticais e até mesmo somente como fonte historiográfica.

É possível promover o Letramento Literário no Ensino Fundamental – anos iniciais – e a preocupação do professor não deve ser dar ênfase em suas aulas de língua portuguesa apenas no processo de alfabetização, pois, a partir da proposta da sequência básica de Rildo Cosson (2006), o aluno pode ser letrado literariamente e formar-se como um leitor capaz de emancipar-se a partir do texto literário.

4. ABANDONANDO VELHAS FÓRMULAS

4.1 DE MÉTODOS E METODOLOGIAS

Todo professor já foi também (ou ainda é) um aluno. Na posição de aluno, nos primeiros anos de frequência escolar, o professor do presente conheceu métodos de ensinar que, determinadas vezes, ficaram no passado. Outros métodos, porém, insistem em continuar se propagando por aulas de português através de costumes enraizados em pouca vontade de mudança por meio dos docentes.

Uma das formas de ensino de literatura mais comuns entre os métodos tradicionais é a que valoriza o enfoque cronológico das obras. Por muitas vezes o próprio texto literário em si é subjugado como coadjuvante enquanto a historiografia dos períodos literários e os títulos de livros marcantes para cada escola literária são prioridade.

A historicidade do texto deve ser levada em consideração, visto que o escritor é um homem ou mulher inserido num espaço e em um tempo que podem influenciar sua escrita, mas estudiosos como Maria Amélia Dalvi (2016) criticam a ênfase na historicidade e a forma como ela aparece nas aulas de literatura: um amontoado de datas, títulos e nomes de escritores importantes para determinada época sem que suas obras sejam realmente lidas. O enfoque cronológico é criticado por muitos teóricos por não dar ênfase ao texto. Cereja afirma:

[...] Com base nos planejamentos e nos manuais didáticos de literatura existentes no mercado, notamos que a organização dos conteúdos, apoiada na historiografia literária, privilegia o *enfoque cronológico* de movimentos, gerações e autores, com suas respectivas obras de destaque. Estudar literatura por essa perspectiva quase sempre é o mesmo que conhecer, geralmente de forma passiva, aquilo que os “bons” escritores (com todas as falhas e injustiças que historicamente sempre ocorreram nessa avaliação) escreveram ao longo da história de nossa cultura. Trata-se, pois, de uma concepção conteudista e enciclopédica de ensino de literatura. (CEREJA, 2005, p. 12).

Como promover a autonomia dos alunos nas aulas de literatura e ainda fugir ao método conteudista de enfoque cronológico? Valorizando o texto literário e a literariedade que o rodeia: gêneros textuais, características da escrita do autor, intertextualidade etc.

Utilizar o texto literário em sala é uma questão difícil para o professor que, inúmeras vezes, tem medo de “corrompê-lo” a partir da escolarização. Porém, como afirma Cosson (2006) o uso da literatura como matéria educativa tem longa história, a qual antecede a existência formal da escola. Por exemplo, o teatro era importante para os gregos na Antiguidade, pois as tragédias serviam para educar moral e socialmente o povo.

Isso não significa que o texto literário deve estar presente nas aulas de português apenas para auxiliar na decodificação de palavras ou para estudar questões gramaticais, pois isso subverteria a literariedade do texto a mero detalhe e tornaria dispensável e facilmente substituível. Segundo Lajolo (1986), todas as atividades escolares das quais o texto participa precisam ter sentido, para que o texto resguarde seu significado maior.

Para dar ênfase ao texto literário em sala de aula, Cosson (2006) propõe uma sequência básica que envolve quatro fases: a motivação, a introdução, a leitura e interpretação. O autor defende que a questão não é se a motivação exerce ou não influência na obra, mas sim, se essa influência é bem vinda e é desejada pelo professor no trabalho que pretende realizar.

Quanto à fase de introdução, há a importância de apresentar o autor e a obra, cabendo ao professor o cuidado com a apresentação da obra, o que é primordial para o sucesso do trabalho com os alunos. O professor deve ter em mente que a introdução não pode ser longa, pois ela não é o fim, é um começo do processo de leitura.

Já a fase da leitura é destacada por Cosson (2006) a partir da importância do acompanhamento do professor durante a leitura. Leituras extensas, como a do romance *O Minotauro* (1939) podem exigir debates e intervenções em sala de aula que produzam campo para a interpretação.

O momento final é a interpretação que, segundo Cosson (2006), parte do entretenimento dos enunciados que constituem as inferências para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. O terceiro capítulo desta dissertação apresenta uma proposição de Sequência básica de acordo com Rildo Cosson (2006) no livro *Letramento Literário: teoria e prática*. A proposição terá como alvo uma turma de quinto ano do Ensino fundamental – anos iniciais – da Educação no Campo e o clássico a ser lido será *O Minotauro* (1939), de Monteiro Lobato.

4.2 MOTIVAÇÃO

No livro *Letramento literário: teoria e prática* (2006), Cosson expõe as dificuldades que os professores dispostos a seguir a proposta de sua sequência básica podem enfrentar. A fase da motivação pode ser até mesmo polêmica na escola, pois envolve, na maioria das vezes, a ludicidade que não é bem vista pelos que adotam os meios tradicionais de ensino.

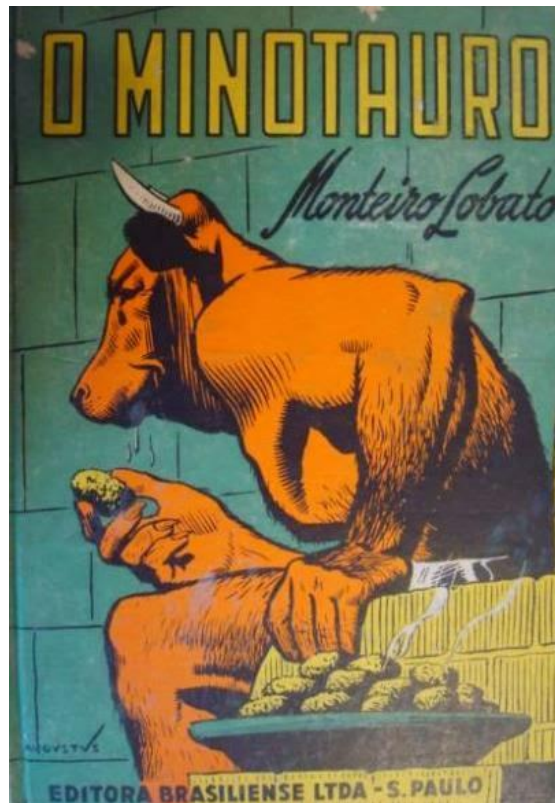
Na fase da motivação os alunos vão interagir com os aspectos da obra literária que ainda não conhecem e isso pode ser feito de maneira informal, embora a ordem e o silêncio precisem ser mantidos quando necessário, o professor trabalhará com uma turma de quinto ano do Ensino Fundamental – anos iniciais – da educação no campo. O texto literário que terá relevância na sequência básica será *O Minotauro* (1939), de Monteiro Lobato. Os alunos podem ter algum conhecimento da obra de Lobato devido às adaptações televisivas que promoveram versões dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo para desenhos animados que acompanham a faixa etária dos alunos do quinto ano, basicamente, entre nove e dez anos de idade.

A figura do Minotauro, monstro da mitologia grega formado pelos membros inferiores de ser humano e os superiores de touro, é destacada em várias capas de edições do livro. Primeiramente, o professor explora a imaginação das crianças escrevendo no quadro negro o substantivo Minotauro. Oralmente, os alunos vão dizer se já conhecem esta palavra, se ela parece ou não estranha, o que acham que pode significar. O professor intervirá quando achar que o assunto está disperso. Também anotarás as falas dos alunos para confrontá-las com as ideias deles sobre o substantivo Minotauro após a leitura do livro.

Esse primeiro momento envolve a oralidade a partir da curiosidade quanto a um substantivo pouco (ou talvez nunca) utilizado no cotidiano dos alunos. Para esse momento o professor pode concentrar cerca de vinte minutos do final da aula para a discussão, deixando claro que logo nos momentos da próxima aula conhecerão uma imagem que ilustra o substantivo Minotauro.

O segundo momento da motivação será de trabalho com as imagens das diversas capas das edições do livro *O Minotauro* (1939). O professor utilizará as imagens impressas ou digitalmente reproduzidas se for possível. A primeira imagem será a ilustração de André Le Blanc para a Editora Brasiliense (edições entre os anos 1949 e 1967) para o clássico de Monteiro Lobato.

FIGURA 1 - O MINOTAURO – EDITORA BRASILIENSE



FONTE: capasdelivros.blogspot.com

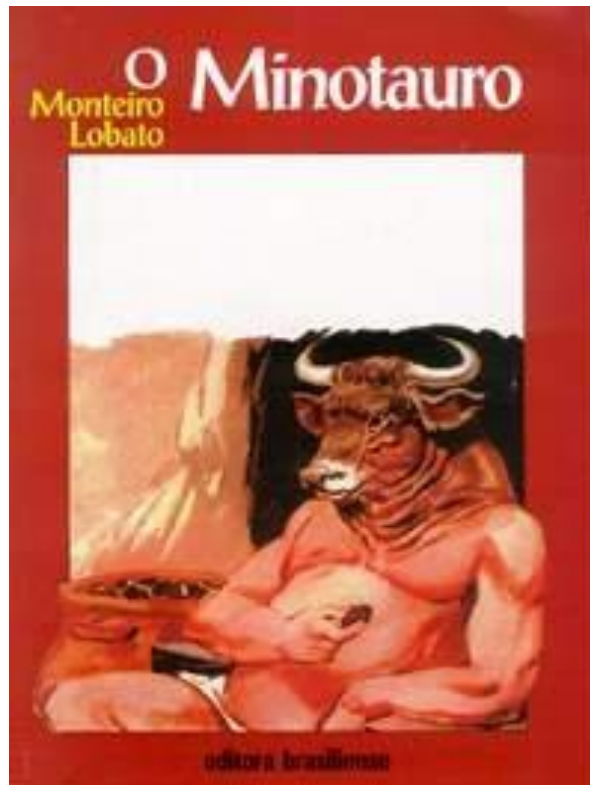
O professor deve explorar características da imagem incitando questões para os alunos:

- I. O que eles veem na imagem?
- II. Qual é a descrição que eles podem fazer do personagem desta imagem?
- III. Como o personagem está vestido? É possível observar sua expressão?
- IV. O que essa imagem diz sobre o substantivo Minotauro explorado anteriormente?

Os alunos farão participações orais e o professor explicará que esta imagem é a capa de um livro e nela há palavras e figuras. O professor deve observar aos alunos que é muito importante notar todos os detalhes da imagem: o corpo da figura central, o que ele tem nas mãos, o ambiente no qual o personagem está inserido.

A segunda imagem a ser analisada é também de uma edição da Editora Brasiliense (novamente de responsabilidade de André Le Blanc).

FIGURA 2 - O MINOTAURO – EDITORA BRASILIENSE – COLEÇÃO MONTEIRO LOBATO



FONTE: livroemserie.com.br

A capa é muito parecida com a anterior, porém, os alunos podem observar a face inteira do personagem. Nessa capa a parte inferior do corpo do Minotauro tem características humanas destacáveis: a barriga de grande tamanho, a cor branca da pele. A parte superior do corpo do Minotauro tem características do animal touro e ela não demanda expressões de alegria, tristeza, feições humanas. Novamente ele segura alguma coisa em suas mãos e os alunos podem notar que é algum tipo de comida, isso será importante para a fase da leitura da sequência básica de Cosson (2006).

O professor observará com os alunos a expressão confortável do personagem da imagem. Também pode observar que existe um nome e sobrenome na capa: Monteiro Lobato.

As perguntas para a discussão oral contemplarão também:

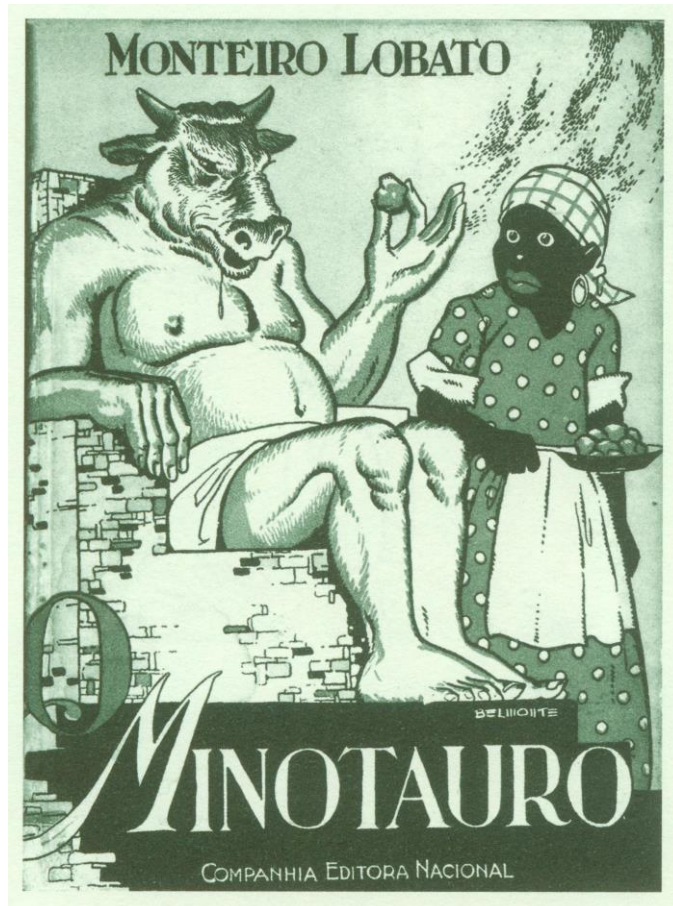
- I. Quem é Monteiro Lobato? Seria o autor do livro que leva essa capa?
- II. Algum aluno conhece o nome ou a obra de Monteiro Lobato?

Novamente os alunos utilizarão o discurso oral para responder tais questões. Ao final o professor destaca que os alunos já possuem algumas informações e o substantivo Minotauro escrito na lousa por ele no primeiro momento de atividades

começa a ganhar forma: já o identificam com o animal touro, já sabem que ele foi personagem de um livro escrito por um autor chamado de Monteiro Lobato.

A terceira imagem analisada pelos alunos é a seguinte:

FIGURA 3 - O MINOTAURO – COMPANHIA EDITORA NACIONAL



FONTE: paladarestadao.com.br

Essa imagem é de uma edição antiga da Companhia Editora Nacional. Os alunos identificarão com as duas anteriores: novamente é a capa de um livro com as mesmas palavras das outras imagens. Nela, porém, o Minotauro não está sozinho, ele interage com outra personagem. Os alunos podem identificar que a personagem que surgiu agora na imagem com O Minotauro segura um prato nas mãos e nele há um conteúdo parecido com o que o monstro segurava nas mãos nas imagens anteriores.

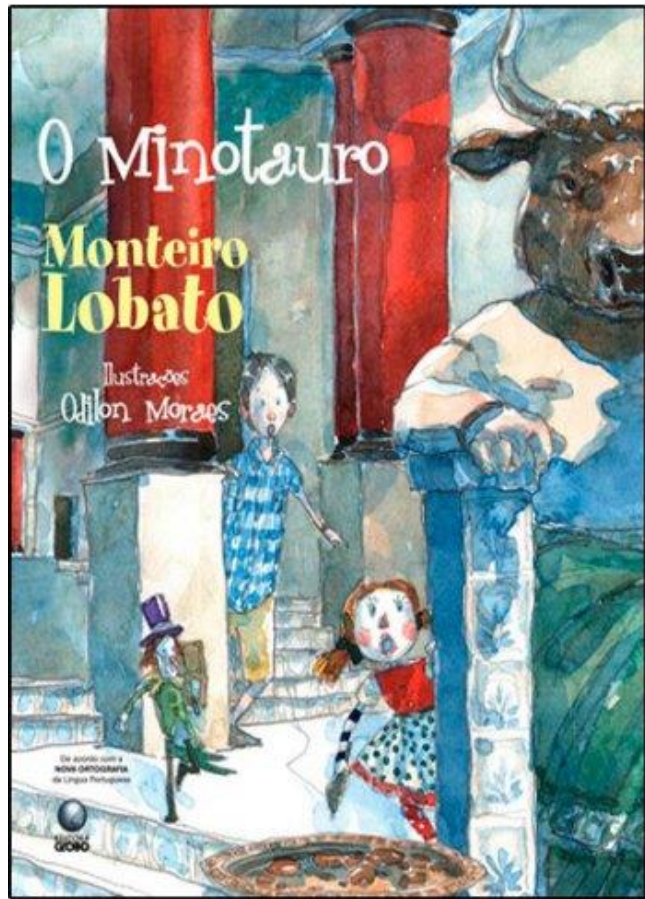
O professor colocará algumas questões para a discussão:

- I. O rosto dos personagens expressa algum sentimento? Medo? Raiva? Vontade? Curiosidade? Apreensão? Fúria? Perigo?

- II. Quais são as informações sobre o Minotauro que ainda despertam a curiosidade dos alunos depois de todas as capas anteriores analisadas?

A última imagem analisada será a seguinte:

FIGURA 4 - O MINOTAURO – EDITORA GLOBO



FONTE: capasdelivrosbrasil.com.br

A capa é de uma edição contemporânea da Editora Globo e os alunos notarão que a capa é colorida e aparecem outros personagens além do Minotauro e da personagem feminina presente nas imagens anteriores. Esta edição foi escolhida pelo PNBE para fazer parte de seu acervo no ano de 2013. O professor fará a proposta de algumas questões orais:

- I. O ambiente em que os personagens estão faz parte do cotidiano dos alunos?
- II. Eles identificam algum personagem além do Minotauro?

- III. Comparando o personagem Minotauro nas quatro imagens apresentadas, qual delas os alunos escolheriam para ilustrar melhor o substantivo escrito na lousa pelo professor no primeiro dia da sequência básica?
- IV. Quais informações os alunos têm agora sobre o Minotauro?

O professor utiliza esta última questão oral para produzir com os alunos um cartaz listando características e informações sobre o personagem Minotauro. Cada aluno será convidado a utilizar uma caneta e escrever uma característica ou informação que aprendeu até agora sobre o personagem Minotauro. A seguir as possíveis anotações dos alunos:

CONHECENDO O MINOTAURO

- 1) Personagem de livro.
- 2) Personagem de Monteiro Lobato.
- 3) Metade homem e metade touro.
- 4) Tem relação com outros personagens.
- 5) Alimenta-se.

Numa terceira aula, o professor entrega uma folha de papel em branco para cada aluno e pede que eles desenhem e façam uma descrição escrita do que imaginam ser o Minotauro. Eles terão cerca de vinte minutos para produzir esta atividade. Quando todos os alunos terminarem o professor propõe que eles se sentem em círculo para que seja mais fácil expor os desenhos. Além da exposição aos colegas de classe e ao professor, cada aluno vai ler o que escreveu. Alguns alunos podem copiar desenhos que viram nas imagens da aula anterior, outros podem usar a criatividade e serem originais.

O professor encaminha os alunos para uma discussão acerca do que é o Minotauro: um ser desconhecido que pode causar estranheza por esta razão. Ele seria um personagem original de um livro mesmo ou de um filme ou programa televisivo? Seria uma figura popular de causos? Uma figura sobrenatural? Cada aluno é instigado a utilizar a oralidade e dividir com os colegas e o professor suas acepções sobre o personagem.

Ao fim desta atividade as folhas que o professor entregou no início da aula serão recolhidas e podem ser expostas num mural na sala de aula, juntos com o cartaz produzido anteriormente contendo as características do Minotauro.

Na última aula da fase da motivação o professor discutirá algumas informações com os alunos que envolvem o personagem Minotauro:

- I. Ele pertence à mitologia grega que posteriormente será estudada mais detalhadamente.
- II. Ele é um monstro dividido entre o humano e o animal.
- III. O Minotauro era muito temido, pois se alimentava de carne humana segundo a mitologia grega.
- IV. No livro que deu origem às capas apresentadas o personagem Minotauro se relaciona com outros personagens.

O professor termina a fase da motivação propondo a seguinte reflexão: Os alunos gostariam de conhecer melhor o Minotauro e as histórias que o cercam?

Nessa fase os alunos ainda não precisam ter informações concretas sobre o clássico que vão ler, mas precisam ter curiosidade e entender que as atividades executadas até o momento levarão a alguma coisa. É importante que o professor tenha paciência diante da possível rejeição que alguns alunos terão quanto às atividades propostas durante a motivação, pois eles podem não estar acostumados às atividades lúdicas e, no início, elas podem parecer de pouca importância. Por isso cada fase complementa a anterior.

4.3 INTRODUÇÃO

Na primeira aula da fase da introdução os alunos terão maiores informações sobre o que é um mito. O professor adaptará⁴ o texto de introdução e do primeiro capítulo do livro *Mitologia Grega - Volume 1* (1986) de Juanito de Souza Brandão. O texto pode ser copiado pelos alunos ou até mesmo impresso e entregue a eles caso essa possibilidade seja plausível.

⁴ A adaptação será necessária para facilitar o entendimento dos alunos do quinto ano do Ensino Fundamental.

O Mito – Mitologia Grega

O mito se apresenta como um sistema que tenta explicar o mundo e o homem. Acredita-se no mito não por comprovação da Ciência, mas por um ato de fé no que foi colocado. Todos os domínios da Grécia antiga recorrem ao mito: a literatura, a filosofia, a dramaturgia.

É necessário deixar bem claro, nesta tentativa de conceituar o *mito*, que o mesmo não tem aqui a conotação usual de fábula, lenda, invenção, ficção, mas a acepção que lhe atribuíam e ainda atribuem as sociedades arcaicas, as impropriamente denominadas culturas primitivas, onde mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais. Em outros termos, mito, consoante Mircea Eliade, é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, *illo tempore*, quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir (...) o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo (BRANDÃO, 1986:36).

A criação do homem e da mulher é explicada a partir do mito de Prometeu que os criou como bonecos de barro que ganharam vida e também o conhecimento do fogo, importante para manter-se vivo e forjar armas. Outros mitos compõem a Mitologia Grega que é composta de deuses, monstros, semideuses (ou heróis) e outros personagens.

Texto adaptado pela autora

Os alunos e o professor discutirão esse texto e é importante deixar claro que o livro de Juanito Souza Brandão (1986) não será lido pelos alunos, ele servirá para o professor compor esse texto e não será utilizado ao todo, pois os alunos do quinto ano do Ensino Fundamental não terão condições de entender a linguagem e os conceitos filosóficos contidos nele.

Ainda na primeira aula da fase da introdução, os alunos conhecerão a história do Minotauro que envolve o herói grego Teseu. Para preparar a aula o professor utilizará *O livro de ouro da mitologia – história de deuses e heróis* (Edição de 2015). O livro é um clássico sobre o tema e foi escrito por Thomas Bulfinch. As informações

sobre a mitologia grega presentes no livro serão de difícil assimilação para os alunos se o professor não tiver prévio conhecimento delas e não adaptar a linguagem ao seu público entre nove e dez anos de idade. Portanto, é preciso preparar uma aula expositivo-argumentativa sobre o tema da mitologia grega.

O professor deve informar aos alunos que de acordo com Bulfinch (2015), a mitologia grega é o estudo das lendas referentes aos deuses, monstros e heróis gregos. Na Grécia Clássica, cerca de cinco mil anos antes de Cristo, os gregos eram politeístas, ou seja, acreditavam na existência de vários deuses que eles deveriam cultuar.

O povo grego acreditava que a morada dos deuses era o Monte Olimpo, o ponto mais alto do país. O deus mais importante era Zeus, governador da Terra, seguido por seu irmão Poseidon, governador dos mares. Para o irmão Hades restava governar o mundo dos mortos, uma posição ingrata que nunca o fez querido entre o povo.

Os monstros eram criaturas assustadoras que promoviam o mal e a destruição. Eles podiam ser criações dos deuses para castigar os humanos ou as vezes eram seres humanos que fizeram coisas más e eram punidos transformando-se em monstros.

Os semideuses eram filhos da união dos deuses com os humanos. Eles possuíam força e coragem e eram chamados também de heróis. Embora fossem fortes os heróis passavam por provações e situações difíceis como os seres humanos, que o diga Héracles (Hércules na tradição romana) que teve de enfrentar doze trabalhos para mostrar sua coragem.

Na segunda aula da fase da introdução, o professor utilizará o livro de A.S. Franchini e Carmen Seganfredo *As melhores histórias da mitologia* (2014). O livro apresenta histórias da mitologia na forma de contos e o professor pode fazer uma explanação oral da história, além de providenciar que os alunos tenham acesso e leiam o texto que será uma adaptação de Teseu e o Minotauro presente no livro.

Teseu e o Minotauro

Teseu era filho do Rei Egeu que governava a Grécia, enquanto o Rei Minos governava a ilha de Creta. Na ilha de Creta o Rei Minos havia construído um labirinto no qual prendia um monstro carnívoro chamado de Minotauro. Os nomes

do rei e do monstro não eram coincidência, pois eles tinham um parentesco entre si: eram pai e filho.

O Minotauro era um monstro formado pelos membros inferiores de ser humano e os superiores de touro. Quando a esposa do Rei Minos estava grávida a maldição do deus Poseidon lhe atingiu fazendo com que desse a luz ao filho monstro. A raiva de Poseidon se devia ao fato de Minos não ter cumprido uma promessa de que oferecer um touro em sacrifício.

Quando nasceu o Minotauro ele foi aprisionado num labirinto do qual não conseguiria sair, mas sua fome era gigantesca e, como a Grécia mantivesse dívidas de guerra com Creta, Minos exigia que uma vez ao ano o Rei Egeu enviasse à ilha sete rapazes e sete moças gregas para servirem de alimento ao monstro.

Quando Teseu se tornou um homem ele propôs ao seu pai que esse sacrifício de jovens gregos terminasse, mas o Rei Egeu não tinha opções. Foi então que o corajoso Teseu assumiu a responsabilidade de entrar com os quatorze jovens no labirinto para matar o monstro e terminar com as mortes inocentes.

Egeu conhecia a coragem do filho, mas tinha medo de perdê-lo, pois ele era seu sucessor ao trono da Grécia. Teseu, porém, tranquilizou o pai dizendo que voltaria são e salvo. O pai fez então a ele um pedido: todos os dias ficariam no porto a espera da volta do navio do filho e, se esse voltasse com vida, deveria trocar as velas pretas por velas brancas, assim o Rei Egeu saberia que o filho voltava com vida.

Quando Teseu chegou a Creta com os jovens a serem sacrificados o Rei Minos não conseguia acreditar naquela missão suicida do filho do Rei Egeu. Esperando, porém, eliminá-lo e ganhar mais forma sobre a Grécia, aceitou sua entrada no labirinto.

O que Minos não contava era com a paixão de sua filha Ariadne pelo jovem Teseu, paixão essa que a fez trair o pai entregando ao amado um novelo de lã para que este pudesse sair do labirinto em segurando. Teseu prometeu a Ariadne que seria grato pela ajuda casando-se com ela. Teseu consegue vencer o monstro atacando-o enquanto este dormia e ferindo-o com uma espada. Usando o novelo de lã de Ariadne ele consegue sair do labirinto salvando a Grécia da ira do Minotauro.

Adaptado de A.S. Franchini e Carmen Segnanfredo. **As melhores histórias da mitologia** (2014).

Percebe-se que os heróis gregos são bem diferentes dos heróis que as crianças conhecem atualmente por terem atitudes um tanto quanto humanas e frágeis, por exemplo, a de Teseu em relação à Ariadne. Chegando na ilha de Patmos, o navio que os levava à Grécia fez uma parada e a jovem fora abandonada sozinha por seu noivo. A ingratidão de Teseu não foi a última tragédia de sua história, pois ao voltar para a Grécia ele esqueceu-se de trocar as velas pretas pelas brancas como havia prometido ao pai. O Rei Egeu, acreditando ter o filho morto, atirou-se ao mar que até hoje leva seu nome.

O professor pode optar pela leitura do conto ou mesmo pela sua exposição oral. Caso as circunstâncias de tempo e material contribuam, a leitura do texto pode ser feita de forma compartilhada, todos lendo em voz alta para a classe. Se não for possível a leitura, o professor expõe oralmente os fatos narrados acima.

É importante fazer uma comparação com o conhecimento que os alunos têm agora sobre o substantivo Minotauro. Anteriormente eles produziram um cartaz com as informações sobre isso, agora já sabem que Minotauro é um nome que indica a origem do monstro: seu pai o Rei Minos junto com a origem animal do filho do rei (touro).

Na terceira aula da fase da introdução, o professor levará para a sala de aula um exemplar ao menos da narrativa *O Minotauro* (1939). Como o livro já teve várias edições o professor pode optar por levar edições diferentes com capas diversas. Os alunos poderão folheá-lo e ter sua curiosidade sobre o conteúdo aguçada.

O professor explicará que aquele se trata de uma narrativa longa que possui personagens e ações, no caso, que levam a uma aventura na Grécia Antiga dos deuses e heróis. O romance é uma forma de narrativa muito comum e os alunos podem ser indagados sobre o conhecimento que possuem do gênero: já leram narrativas?

Os alunos devem saber nesse momento que o livro *O Minotauro* (1939) foi escrito por Monteiro Lobato e o professor deve ter se preparado previamente para fazer uma explanação sobre a vida e a obra do escritor.

É importante para os alunos conhecerem a vida e a obra de Monteiro Lobato, pois ao descobrirem que o escritor tinha um projeto envolvendo os mesmos personagens e diversos livros, os leitores poderão abrir sua visão de leitura e, ao término desta sequência básica, procurar outras narrativas da turma do Sítio do Picapau Amarelo.

A *internet* é uma realidade distante das escolas rurais no Brasil, portanto, o professor deve pesquisar em sua casa ou mesmo em outra central de computadores o *site* do museu oficial do escritor: <http://museumonteirolobato.com.br/>. Nesse *site* o professor encontrará informações seguras para preparar a próxima aula de introdução.

O professor pode preparar *slides*, se tiver condições, ou mesmo expor oralmente aos alunos. Se desejar, pode trazer figuras ou caricaturas retratando o escritor Monteiro Lobato.

Os alunos ficarão informados de que José Renato Monteiro Lobato nasceu no dia dezoito de abril de 1882 na cidade de Taubaté, estado de São Paulo. Posteriormente ele mudaria seu nome para José Bento Monteiro Lobato tornando-se homônimo do pai. Ele nasceu em uma família de plantadores de café, tendo desde cedo o contato com o universo rural.

Escreveu livros para adultos e criou um emblemático personagem da Literatura brasileira: o caipira Jeca Tatu. Hoje Jeca tatu ganha ares cômicos em adaptações televisivas e cinematográficas, mas ele foi criado para ser uma crítica ao subdesenvolvimento das condições de vida do homem do campo: sem higiene, doente, com más condições de moradia, alimentação e analfabeto.

É essencial que os alunos percebam que Monteiro Lobato ficou marcado pelas obras infantis tornando-se o maior escritor brasileiro de literatura para crianças.

Tudo isso começou no ano de 1921 quando Lobato publicou *Narizinho Arrebitado*; é a primeira vez que os leitores brasileiros têm contato com a menina Lúcia, a Narizinho Arrebitado do título e com sua avó Dona Benta, a dona de uma pequena propriedade rural. Em 1931 Monteiro Lobato publicou a versão definitiva da obra agora intitulada *Reinações de Narizinho*. Nesse romance conhecemos os personagens do Sítio do Picapau Amarelo que serão constantes em toda a saga: Narizinho, Pedrinho, Emília, Dona Benta, Tia Nastácia, Visconde de Sabugosa e Marquês de Rabicó.

O escritor inseriu personagens históricos em seus livros, como em *Caçadas de Hans Staden* (1927) no qual recria a história do aventureiro alemão preso no Brasil em uma tribo de índios canibais. Em *Peter Pan* (1930) Lobato reconta o clássico inglês sob a tutela de Dona Benta fazendo o mesmo em *Dom Quixote das Crianças*.

Outros livros de Monteiro Lobato como *Emília no País da Gramática* (1934) *História das invenções* (1935) e *Geografia de Dona Benta* (1935), apresentam um

aspecto da obra de Monteiro Lobato mais didático, ligado à Pedagogia, com intuito claro de ensinar algum conteúdo aos leitores.

Caçadas de Pedrinho (1933) é uma obra com muita ação e aventura, nela os habitantes do sítio saem à caçada de uma onça que andava a pôr medo nos arredores da propriedade de Dona Benta.

Em *Histórias de Tia Nastácia* (1937) temos a cozinheira mostrando aos habitantes do sítio seu conhecimento popular passado de geração em geração. Nesse livro conseguimos notar a personalidade forte de Emília que critica severamente Nastácia por não possuir conhecimento acadêmico.

Em *O Picapau Amarelo* (1939) o desfecho serve como mote para *O Minotauro* (1939), pois é com o casamento da Branca de Neve e do Príncipe Codadade no primeiro que temos o sequestro de Tia Nastácia que faz com que a aventura no segundo comece.

O Minotauro (1939) e *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944) são os dois romances de Lobato que têm a mitologia grega como ponto de partida. No livro de 1939 temos a Grécia de Péricles e a dos deuses e mitos, no de 1944 temos o herói mais famoso lutando contra monstros e perigos para provar sua bravura.

Na aula seguinte da fase de introdução, o professor precisa ser cuidadoso ao falar sobre os personagens lobatianos, pois é impossível fazer uma análise fechada de figuras emblemáticas como Dona Benta, Emília, Narizinho, Pedrinho, Visconde de Sabugosa e Marquês de Rabicó. É importante que os alunos saibam que Dona Benta é a adulta culta detentora da instrução acadêmica e mantenedora do sítio, enquanto Tia Nastácia é a mantenedora do conforto quanto à limpeza da casa e da alimentação da família.

Emília é uma boneca de pano feita pelas mãos de Tia Nastácia de tecido ordinário. Com a ajuda de uma pílula mágica do Doutor Caramujo ela começa a falar e não para mais.

Narizinho e Pedrinho são crianças netas de Dona Benta. Narizinho é órfão e vive com a avó, já Pedrinho passa as férias escolares no sítio.

O Marquês de Rabicó é um leitão que ganha a confiança de Narizinho e, por isso, se livra de ir para a panela de Tia Nastácia. Visconde de Sabugosa é um sábio feito de um sabugo de milho. Ele se torna culto por dormir em meio aos livros de Dona Benta.

Assim o professor não faz análises fechadas que encerram os personagens em uma só forma de interpretação, possibilitando ao leitor fazer suas próprias reflexões e conhecê-los de forma natural.

Nessa mesma aula, o professor informa aos alunos que estes personagens vivem no sítio, mas outros fazem visitas e alguns vivem fora da casa de Dona Benta. Entre estes personagens mesclam-se figuras do folclore nacional, como o Saci, Mula sem Cabeça, e figuras da tradição universal, dos contos de fadas, da mitologia grega, do cinema, da televisão.

Desta forma o sítio não é apenas um pedaço de terra afastado da cidade, mas sim, uma representação de sociedade na qual tudo é possível, até mesmo uma boneca de pano ganhar vida e um sabugo de milho ser culto e falar sobre diversos assuntos.

O professor vai propor aos alunos a montagem de um cartaz no qual cada um produzirá desenhos para montar o sítio ideal para organizar a pequena sociedade na qual vivem Dona Benta e os demais agregados.

Sendo os alunos habitantes do meio rural, eles podem discutir como é a vida em um sítio: o cotidiano de trabalho dos pais, a solidão de não ter vizinhos próximos, as dificuldades em relação ao clima que, inúmeras vezes, prejudica as plantações e criações de animais com as quais os pais sustentam as famílias.

Cada aluno pode dizer se gostaria de ter os habitantes do sítio morando próximos e também se estão felizes com seu modo de viver, se mudariam alguma coisa, se conhecem alguma história contada por adultos relacionada ao folclore da região rural na qual vivem.

Na próxima aula o professor prepara um cartaz com a letra da canção *Sítio do Picapau Amarelo* composta e interpretada por Gilberto Gil, em 1985, para servir de abertura à primeira adaptação da obra de Monteiro Lobato para a televisão.

Sítio do Picapau Amarelo

Gilberto Gil

Marmelada de banana, bananada de goiaba

Goiabada de marmelo...

Sítio do Picapau Amarelo!

Sítio do Picapau Amarelo!

Boneca de pano é gente, sabugo de milho é gente

O sol nascente é tão belo

Sítio do Picapau Amarelo!

Sítio do Picapau Amarelo!

Rios de prata, pirata

Vôo sideral na mata, universo paralelo

Sítio do Picapau Amarelo!

Sítio do Picapau Amarelo!

No país da fantasia, num estado de euforia

Cidade polichinelo

Sítio do Picapau Amarelo!

Sítio do Picapau Amarelo!

Fonte: www.vagalume.com.br/gilbertogil/sitiodopicapauamarelo

Alguns aspectos importantes da obra de Monteiro Lobato podem ser introduzidos e explorados na letra da canção:

- I. A fuga da realidade com a boneca de pano e o sabugo de milho que são gente.
- II. As inúmeras possibilidades de inovação com a marmelada de banana, bananada de goiaba e goiabada de marmelo.
- III. O ambiente agradável do sítio com o belo sol nascente.
- IV. A aventura e a fantasia com os rios de prata pirata e o país da fantasia, a cidade polichinelo.

Os alunos devem expor suas concepções sobre a letra da canção e, para isso, podem cantá-la mais de uma vez, aproveitando para discutir que o ritmo musical alegre apresenta uma visão que o compositor tem do ambiente.

Na última aula da fase da introdução, chegou o momento de unir a mitologia grega do personagem Minotauro com a obra de Monteiro Lobato. O professor deve explicar que, no ano de 1939, Monteiro Lobato, que já havia publicado alguns livros com os personagens do sítio, publicou a narrativa infantil *O Minotauro* utilizando o personagem mitológico para dar início a uma nova aventura dos personagens Pedrinho, Narizinho, Emília, Dona Benta e o Visconde de Sabugosa. A personagem Tia Nastácia também é muito importante, pois é seu sequestro que leva os personagens do sítio a viver essa nova aventura.

Neste momento encerra-se a fase da introdução e os alunos estão preparados para começar a leitura do clássico *O Minotauro* (1939), de Monteiro Lobato.

Esta Sequência básica leva em consideração que os alunos desconhecem a obra de Monteiro Lobato na forma original, no gênero romance, tendo contato apenas com adaptações televisivas (que não serão exploradas na Sequência) e com a figura estereotipada da boneca Emília com os cabelos coloridos e a maquiagem exagerada no rosto. Essa figura se tornou muito popular nos meios escolares, pois perpetuou-se em meio às adaptações televisivas, embora nos livros de Monteiro Lobato essa caracterização não apareça.

O trabalho será aplicado pelo professor regente do quinto ano do Ensino fundamental – anos iniciais – no primeiro semestre do ano letivo, para que posteriormente outras obras de Monteiro Lobato e de outros escritores possam ser trabalhados também nas aulas de língua portuguesa e literatura.

4.4 LEITURA

O texto literário será lido pelos alunos. Todas as atividades elaboradas até esse momento levaram ao incentivo e à introdução da obra de Monteiro Lobato *O Minotauro* (1939) e, caso o professor execute com os alunos apenas as duas primeiras fases da sequência básica de Rildo Cosson (2006), que são a motivação e a introdução, seu trabalho não escaparia aos moldes tradicionais que valorizam questões práticas e deixam o texto literário como mero pretexto para estudar outros assuntos e com importância mínima.

O trabalho do professor começa com uma pesquisa pelas bibliotecas da cidade na qual reside ou trabalha em busca do maior número possível de exemplares do livro *O Minotauro* (1939) de Monteiro Lobato.

A proposta desta Sequência básica é para a Educação no campo, que como já foi citado anteriormente, se difere da Educação na cidade não apenas geograficamente, mas por questões ligadas às tradições, aos meios de trabalho e também pelo menor número de alunos, já que a população rural brasileira diminuiu consideravelmente nos últimos quarenta anos.

Sendo um número menor de alunos, entre oito, dez ou doze alunos por sala, o professor pode ter facilidade em conseguir um exemplar da narrativa para cada um. Caso não consiga, ele pode contar com a leitura e duplas, sendo que cada aluno lê silenciosamente e os dois viram a página do livro quanto terminarem a leitura.

Com os exemplares do livro em mãos, o professor os leva até a sala de aula para que os alunos observem a obra. Eles já tiveram contato com um exemplar, mas agora poderão fazer a leitura deste, o que o torna ainda mais especial pelo anseio de conhecer o que ele apresenta de especial que mereça o estudo feito até o momento.

Tudo isso acontece na primeira aula da fase de leitura, pois na segunda aula será proposta a leitura do primeiro capítulo do livro que se chama *Uma aventura puxa a outra*. Esse capítulo apresenta uma introdução sobre a situação inicial do enredo de *O Minotauro* (1939).

Os leitores do “Picapau Amarelo” fatalmente desapontaram com o desfecho da história. A grande festa de casamento do Príncipe Codadade com a Branca de Neve acabou violentamente interrompida pelo ataque dos monstros da fábula. Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, Emília e o Visconde de Sabugosa conseguiram salvar-se pela fuga, a bordo de “O Beija-flor das Ondas” mas a pobre Tia Nastácia, que se distraía nas cozinhas do palácio com o assamento de mil faisões, perdeu-se no tumulto. Fora atropelada, devorada ou aprisionada pelos monstros? Ninguém sabia. Só depois do desastre é que Dona Benta e os meninos puderam ver o quanto a estimavam. Que choradeira! (LOBATO, 1939, p. 7).

O professor aproveita essa introdução do próprio romance para informar aos alunos que há uma história no livro *Sítio do Picapau Amarelo* (1939) que é anterior a *O Minotauro* (1939): o casamento da Branca de Neve com o Príncipe Codadade. Esse casamento foi muito agitado, pois Tia Nastácia teve de assar mil faisões. O final foi desastroso, já que os monstros temidos pelos personagens do sítio saíram

das histórias e adentraram a festa, sendo que Tia Nastácia estava desaparecida, provavelmente, por culpa desses monstros.

É importante destacar aos alunos a presença dos personagens de contos de fadas e também dos monstros na obra de Monteiro Lobato, pois será uma constante durante a saga do Sítio do Picapau Amarelo.

A leitura do primeiro capítulo deixa os alunos conscientes da situação, já que é esclarecido o destino de Tia Nastácia: ela fora raptada pelo monstro Minotauro e precisa ser resgatada urgentemente, pois ele é um cruel comedor de carne humana e a cozinheira corre risco de morrer.

A próxima aula começa com a leitura do segundo capítulo do livro: *Rumo à Grécia*. O professor abre uma discussão acerca do aspecto maravilhoso do livro, pois os personagens podem ir para o lugar que desejarem através do navio Beija-flor das Ondas e o pó mágico chamado Pimlímpim pode levá-los a transportarem-se no tempo.

A presença destes elementos mágicos é essencial para a aventura, pois de outra forma os personagens não poderiam ir até a Grécia de forma prática e muito menos viajar primeiramente para quinhentos anos antes de Cristo para o século do Governador Péricles.

O professor precisa contextualizar aos alunos que Péricles foi um governador grego. Ele comandou o país cerca de cinco séculos antes do Nascimento de Cristo e a história o descreve como um bom governante, visto que naquela época a Grécia floresceu nas artes da arquitetura, da filosofia, do teatro e também na política. Esse período em que a Grécia foi governada por Péricles ficou conhecido como uma Era de Ouro devido ao desenvolvimento da cidade-estado nos setores citados acima.

Já em tempos anteriores a Péricles, a Grécia viveu o período da Mitologia. Os gregos eram politeístas, acreditavam e cultuavam inúmeros deuses e cada um possuía uma especificidade.

A mitologia grega é cercada por deuses, semideuses ou heróis, que são filhos da união dos deuses e dos humanos, e também de monstros, criaturas que assustavam e causavam morte e destruição. É importante que os alunos tenham essa contextualização antes de partir para outras atividades relacionadas à leitura do livro.

Após essa contextualização o professor propõe uma questão oral a ser respondida pelos alunos:

- Monteiro Lobato faz críticas ao país que a turma do Sítio do Picapau Amarelo visita?

Os alunos notarão que o escritor critica a Grécia atual a partir da visão de Dona Benta quando chega com seus netos ao porto do país em meados do século XX. Saudosamente, Dona Benta lamenta que a Grécia seja agora um país “sem graça” em contradição com a beleza e a cultura do passado.

Tudo acertado, Dona Benta partiu com os meninos para a Grécia, a bordo de “O Beija-flor das Ondas”. Mas para que Grécia? Há duas – a Grécia de hoje, um país muito sem graça, e a Grécia antiga, também chamada Hélade, que é a Grécia povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Oh, sim, lá é que era a grande Grécia imortal. A de hoje só tem uvas e figos secos – e soldados de saíote. (LOBATO, 1939, p. 11).

Com a leitura do segundo capítulo acaba a terceira aula da fase da leitura. Na quarta aula os alunos lerão três capítulos: “*Desembarque na Grécia de Péricles*”, “*Em casa de Péricles*”, “*Discussão em Atenas*”. O professor propõe uma discussão para que os alunos possam expor suas impressões da história até agora:

- I. Quais são as impressões sobre Péricles nestes primeiros capítulos lidos do livro?
- II. Qual é a impressão dos personagens do sítio acerca do governante grego?
- III. O que leva ao choque dos gregos quanto às vestimentas e ao comportamento dos personagens de Monteiro Lobato?

Os alunos precisam se conscientizar que Péricles, Sófocles, Aristóteles e outros personagens que aparecem nessa fase da narrativa são históricos, realmente existiram e podem ser encontrados em livros de história. Desta forma, perceberão a força da escrita de Lobato que busca em meio aos personagens ficcionais colocar personagens verídicos, dando asas à imaginação, fazendo com que o leitor veja a história sob o enfoque literário, diferente do que costuma ser estudado em enciclopédias e livros sobre o tema da Grécia e seus personagens intelectuais famosos.

Na terceira aula fase da leitura os alunos vão ler mais três capítulos: “*Fídias nocaute*”, “*Visita às obras do Partenão*”, “*A estátua de Palas – Atena*”.

O professor inicia a aula perguntando sobre as dificuldades que os alunos têm (ou não) com a linguagem de Monteiro Lobato no livro até o momento presente.

Também é importante indagar sobre a dificuldade de compreensão quanto às diferenças culturais entre a Grécia e o Brasil. Juntos, professor e alunos podem conversar sobre essas dificuldades e as impressões de leitura, pois assim o mediador pode avaliar a relação entre leitor e livro e como esta se desenvolve. Isso será importante também para futuras leituras.

Depois da leitura dos três capítulos propostos acima, os alunos e o professor discutirão qual é a importância das tradições para os gregos no século de Péricles. O passado da Grécia é importante para Péricles? O Partenão, a estátua de Palas Atena, o que significam para os gregos? São símbolos de um passado muito querido por eles, de figuras importantes e imortais para o país.

O professor pode destacar algum trecho do livro, no caso destes três capítulos pode ser o seguinte:

Diante do Partenão todos pararam, Dona Benta sem fôlego por ter subido a pé uns cem metros da casa de Péricles até o alto da Acrópole. Acrópole era o nome da colina de pedra sobre a qual se erguia o templo. Dois homens lá estavam aguardando Péricles, o qual, voltando-se para Dona Benta disse:

- Permita-me que apresente Ictinos e Calícrates, os arquitetos do monumento. Fídias é o superintendente geral. Graças aos três, Atenas pode orgulhar-se deste primor de harmonia e graça que pretendemos inaugurar este ano. Veja. Observe o equilíbrio do conjunto. Não há a menor dissonância em suas linhas. Dona Benta ergueu os olhos e viu. Viu o que nenhuma criatura moderna jamais viu. Viu o Partenão fresquinho ainda, com andaimes internos, cisco e lascas de mármore pelo chão. Viu e extasiou-se, porque era uma senhora de apurada educação artística. (LOBATO, 1939, p. 39-40).

Os alunos perceberão que os personagens do sítio são testemunhas da história grega que se realiza à frente de seus olhos. A construção do Partenão foi um grande marco na arquitetura e na arte da Grécia, portanto, ver a sua construção é uma grande alegria e emoção para Dona Benta que já o havia visto em livros e agora vê o processo de desenvolvimento de um monumento que ultrapassou gerações.

O professor deve apresentar uma imagem do Partenão (ou Paternon) e fazer uma pequena explanação sobre a obra arquitetônica que encantou Dona Benta e está relacionada ao governo de Péricles.

FIGURA 5 - PARTENÃO (OU PATERNON) – ATENAS GRÉCIA



FONTE: www.turismogrecia.info.com.br

PARTENON

O Partenon, dedicado pelos Atenienses para Atena Partenos, a padroeira da cidade, é a mais magnífica criação da democracia Ateniense no auge do seu poder. É também, o melhor monumento da Acrópole tanto em termos de concepção e execução. Construído entre 447 e 438 A.C., como parte do maior projeto de construção de Péricles, chamado de Péricles Partenon (Partenon III) que mais cedo substituiu o templo de mármore (Partenon II), que começou depois da vitória da batalha de Maratona aproximadamente em 490 A.C. e foi destruído pelos persas em 480 A.C. Este templo foi substituído pelo primeiro Partenon (Partenon I) de 570 A.C. O Partenon de Péricles foi projetado pelos arquitetos Iktinos e Kallikrates, enquanto o escultor Fídias supervisionou o programa da construção inteira e criou a decoração escultural do templo e a estátua criselefantina de Atena.

(Texto retirado do site www.turismogrecia.info.com.br)

A explicação sobre a obra Paternão não precisa ser extensa, serve para justificar a adoração que Dona Benta tem por ele e a importância do governador admirado por ela na construção deste marco arquitetônico para a Grécia.

Para os alunos do campo o professor pode indagar sobre a importância da sua própria história: o lugar onde vivem, os causos da família e da região, a importância dos rios, das matas e o quanto a natureza influencia da vida deles, assim como a arquitetura, a arte e a história é importante para a Grécia de Péricles.

O professor destaca que Pedrinho e Narizinho são crianças e vivem a história naquele momento de uma forma bem diferente do que estudá-la em uma sala de aula. Eles vivem a história e estão presentes nela, atuando como observadores nesse momento.

Na quarta aula da fase da leitura os alunos vão adentrar na Grécia dos deuses, dos heróis e dos monstros. A leitura dos capítulos “*Pó número dois*” e “*Nos campos da Tessália*” fará com que os alunos percebam o poder da mágica que resolve problemas e facilita ações dos heróis em *O Minotauro* (1939).

O século de Péricles não era o bastante para os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, pois para resgatar Tia Nastácia era preciso adentrar ao labirinto do Minotauro, um monstro que viveu na ilha de Creta séculos antes da Era de Péricles. O temível monstro pertencia a época em que os gregos acreditavam que os deuses habitavam o Monte Olimpo e de lá governavam o mundo.

O que possibilita a viagem no tempo e também geográfica é o *Pó Número 2*, e então Emília, Pedrinho, Narizinho e o Visconde de Sabugosa penetram verdadeiramente na mitologia grega e no mundo de coisas inexplicáveis aos olhos céticos.

Tudo pronto, Pedrinho tirou do bolso um canudo de taquara com um pó dentro – um pó diferente do antigo pirlimpimpim, chamado “*pó número 2*”. Despejou um montinho na palma da mão e dividiu-o em três pitadas – uma para Emília, outra para o Visconde, a última para si.
 - Temos que aspirá-lo ao mesmo tempo, quando eu disser “Três”. Vamos! Um...dois...e...
 - Espere! – berrou Emília. – Ia me esquecendo duma coisa – e tirando do bolso um pequeno embrulho, entregou-o a Dona Benta: “Faça o favor de entregar esse presentinho à escrava.”
 - Que escrava, Emília?
 - A que nos deu aqueles figos. Pronto, Pedrinho! Podemos partir. Pedrinho contou novamente – Um...dois...e TRÊS!
 As pitadinhas de pó foram aspiradas a um tempo, sem perda de uma só isca – e como por encanto os três pequenos heróis desapareceram do iate. (LOBATO, 1939, p. 58).

O professor resgata então os conhecimentos adquiridos durante a fase de introdução sobre a mitologia grega.

- I. O estudo e a história dos deuses, monstros e semideuses (heróis gregos).
- II. O politeísmo: os deuses cultuavam diversos deuses e cada um tinha uma função.
- III. O Minotauro e sua história como monstro mitológico no mito de Teseu.

É importante recuperar essas informações, pois os alunos percebem que há um planejamento entre as fases do trabalho com a literatura.

Na quinta aula da fase de leitura os alunos vão ler três capítulos: “*O sonho de Pedrinho*”, “*Em marcha para o Olimpo*”, *Em procura de Hércules*. O professor deve destacar que Hércules é o nome romano do herói e é utilizado por Monteiro Lobato nessa narrativa, mas na Grécia o herói era conhecido como Hércles.

É importante destacar que Hércules é considerado o maior herói da mitologia grega e conseguiu o que todos buscavam: a imortalidade. Ele era filho de Zeus, o maior de todos os deuses e sua coragem foi colocada a prova algumas vezes, tanto que teve que executar doze difíceis trabalhos para mostrar sua verdadeira índole heróica. Em 1944, o próprio Monteiro Lobato escreveu um livro chamado *Os Doze Trabalhos de Hércules*, no qual o herói é protagonista e seus feitos fazem parte do enredo.

Um episódio interessante a se destacar na leitura da quarta aula é o espanto do jovem pastor dos campos da Tessália com os fósforos que Pedrinho, Emília e o Visconde de Sabugosa trazem consigo.

- Da cabeça dos pauzinhos. Em vez de pensamentos, os tais pauzinhos têm fogo na cabeça – fogo recolhido. Mas eles não gostam de cafuné, isto é, não gostam que lhes cocem a cabeça. Nós, então, de maus, coçamos-lhes a cabeça, isto é, esfregamo-las numa lixa cor de chocolate que há nas caixinhas – e o desespero dos pobres fósforos é tamanho que explode no fogo...
O pastorzinho ficou a meditar sobre aquilo; e por muito tempo ainda depois da partida dos três heróis, era aquilo que pensava em seus momentos de cisma.
“Coçam-lhes a cabeça e elas rebentam em jogo! Que maravilha não deve ser!” (LOBATO, 1939, p. 89).

O professor explicará que o fogo simbolizava sabedoria e poder nas terras gregas da mitologia, pois foi graças a ele que os homens conseguiram ganhar a independência como seres pensantes. Segundo o mito de Prometeu foi ele que criou os homens feitos de barro, mas eles não tinham independência. Apenas quando Prometeu roubou o fogo sagrado dos deuses e entregou aos humanos eles se tornaram o que conhecemos hoje. Por isso, Prometeu foi condenado por Zeus ao suplício eterno e a ser amarrado numa montanha e ter seu fígado devorado todos os dias por corvos. Logo depois o órgão se regenerava e Prometeu sofria toda a dor novamente.

Sabendo sobre o mito de Prometeu e a importância do fogo aos homens, os alunos entenderão o porquê do entusiasmo e do choque do jovem pastor grego com a facilidade com a qual os três viajantes conseguem o fogo. Há inovações tecnológicas em cada época da humanidade e naquele momento, há cerca de mil anos antes de Cristo, o fósforo era uma inovação sem precedentes.

Na sexta aula da fase de leitura, os alunos vão ler “*Dona Benta e Sócrates*” e “*Batatas e Sócrates*”. Os dois capítulos retornam o foco narrativo ao século de Péricles e os alunos devem perceber que Monteiro Lobato faz essa “quebra” na emoção que estava sendo vivida durante os capítulos que envolvem os personagens do sítio no período dos deuses para voltar ao ritmo sossegado de Dona Benta conversando com figuras importantes da cultura grega. Os alunos devem relatar como perceberam essa mudança do foco narrativo e se isso dificulta ou não a leitura. Esse feedback dos alunos é importante para que o professor entenda se eles estão desenvolvendo a leitura com facilidade ou não.

Na sétima aula os capítulos “*A Hidra de Lerna*” e “*Ninfas, Dríades e Sátiros*” serão lidos e o professor destacará a reação de Pedrinho, Emília e do Visconde de Sabugosa ao presenciarem a luta de Hércules contra a Hidra de Lerna. A luta é um dos doze trabalhos do herói e exigia muita coragem, já que a Hidra era um monstro cruel de tamanho descomunal. Os heróis do sítio assistem à luta num misto de admiração e medo pelos atos de bravura, porém de violência de Hércules. Quando precisam aconselhá-lo sobre uma forma de salvação quanto ao veneno que a Hidra lhe aplica, é com relutância que escolhem o conselheiro.

- Mas aconselhá-lo como, Emília? Quem de nós possui a coragem louca de falar com Hércules? Eu não vou. Tenho medo de perder a fala. Só se o Visconde... – e olhou para o Visconde, o qual deu um suspiro, com os olhinhos postos no céu. Emília concordou.

- Isso mesmo. Vai o Visconde...

E o Visconde teve de ir! Teve de descer do alto da pedranceira para “aconselhar” o tremendo herói. Mas o Visconde usou dum stratagema. Refletindo que, se se apresentasse pura e simplesmente diante de Hércules o certo era ser esmagado pelo seu pé como sendo o filho do Caranguejo, aproximou-se de modo a não ser visto e, oculto numa fenda, murmurou com voz cavernosa:

- Ide a Delfos, ó grande Hércules! A Pítia vos indicará a planta do Oriente que anula o veneno do monstro. Visconde pronunciou essas palavras num tom verdadeiramente impressionante. Hércules ouviu-as e disse a lolau:

- Salvos estamos, amigo! A pedranceira falou. Manda-nos correr a Delfos em consulta à Pítia. Há no Oriente uma planta que nos curará – ergueram-se os dois e foram ao carro e partiram numa corrida louca para Delfos. Quando o Visconde se reuniu aos companheiros, estava ainda pálido de susto, assoprando.

- Uf! Escapei de boa. Felizmente o brutamontes não me viu. Fiquei bem escondidinho num buraco da pedra. O que ele fez para o Caranguejo me assustou...[...] (LOBATO, 1939, p. 114).

Com a sabedoria de quem já leu sobre os doze trabalhos de Hércules, os heróis do sítio auxiliam o herói grego a se salvar do veneno da Hidra de Lerna. Assim como Dona Benta se torna uma expectadora da grandeza artística da Grécia de Péricles, os outros membros do Sítio do Picapau Amarelo participam da história da mitologia ajudando Hércules.

Aproxima-se cada vez mais o momento de encontrar o Minotauro e enfrentá-lo para libertar Tia Nastácia se ela ainda estiver viva. Emília, Pedrinho e o Visconde Sabugosa não têm certeza se conseguirão resgatar a cozinheira com vida, pois o monstro que a sequestrou é conhecido pelo seu forte apetite por carne humana. Esse momento, porém, é adiado por alguns capítulos que trazem Dona Benta e Narizinho novamente em casa de Péricles.

Na oitava aula, os capítulos lidos serão “*Os narizes de Atenas*” e “*Os gregos visitam o iate*”. Durante essa parte da leitura o professor pode destacar a extrema importância que os gregos davam à beleza no período de Péricles e até no período mitológico, pois os deuses sempre são descritos como grandes, belos e atraentes. Os que não se adéquam a esse perfil são desprezados até pelos familiares, como o deus da forja Volcano, que por ser considerado feio, foi abandonado pela mãe Hera.

No período clássico no qual estão Dona Benta e Narizinho a escultura e a arte grega em geral primam pela perfeição de traços. As Olimpíadas eram uma prova da grande valorização dada ao corpo, pois se destacavam e se tornavam campeões apenas os que possuíam a perfeição e a força física.

Dona Benta valoriza a época de Péricles no sentido artístico e a compara com o século XX, sendo que o último era considerado por ela muito inferior e desprovido de beleza. Para ela a beleza e a arte gregas são pilares daquela sociedade e nunca haveria outra época fértil desta forma.

- Não acho; não estou dando opinião minha. Sei que é assim. Período nenhum na história da humanidade será mais belo do que este. Nunca a arte florescerá tanto, nunca haverá maior produção de ideias. O mundo em que vivo, ou o que chamamos “Civilização Moderna”, está ainda profundamente influído pelo que os gregos deste século criaram e estão criando. Nós, modernos, nada mais fazemos senão desenvolver ideias gregas, embora na maioria coadas através dos romanos. (LOBATO, 1939, p. 130).

O professor pode fazer, se achar pertinente, uma explicação sobre a questão da cultura dos gregos coada pelos romanos como Dona Benta cita. Os romanos foram um povo muito importante que nos últimos séculos antes do nascimento de Cristo dominaram muitas civilizações, entre elas, a grega. Nossa língua e outras particularidades da cultura brasileira surgiram a partir dos romanos e eles aproveitaram a mitologia grega e a utilizaram de forma bastante expressiva, trocando, porém, os nomes da maioria dos deuses. O exemplo clássico é o do herói Hércules, na mitologia grega ele é Héracles, mas o nome romano se tornou muito popular na cultura ocidental. É uma questão que o professor pode destacar, porém, pode desistir se perceber que não faz diferença para o entendimento dos alunos sobre a leitura da narrativa de Monteiro Lobato.

Dona Benta faz apreciações sobre a arte grega e coloca em oposição o clássico e o moderno. O professor utilizará imagens de arte grega (figuras em livros, digitais se for possível) para exemplificar as colocações de Dona Benta e incitar a formação de opinião própria sobre o tema.

FIGURA 6 - ALTAR PARA ZEUS – CIDADE DE ATENAS – PERÍODO CLÁSSICO



FONTE: www.dw.com.br

É importante que o professor destaque que Zeus é o mais poderoso e mais importante dos deuses gregos da mitologia, portanto, a homenagem do altar em Atenas e a valorização das formas na arquitetura grega. Os alunos não precisam ter

uma aula sobre arquitetura e arte gregas, apenas questões que auxiliam a entender o pensamento de Dona Benta em relação a essas particularidades da cultura grega.

FIGURA 7 - O BEIJO – CONSTANTINI BRANCUSI – PERÍODO MODERNO



FONTE: [www. bearte.com](http://www.bearte.com)

Essa é a escultura moderna em contraponto com a clássica grega. Os alunos perceberão a maior simplicidade na forma de construí-la e a expressão do sentimento mais importante do que a expressão da beleza e da excelência dos deuses a serem homenageados.

Os alunos darão sua opinião sobre qual tipo de escultura preferem, se concordam ou não com Dona Benta em suas avaliações e comparações.

Na nona aula, a leitura será dos capítulos: “*A Esfinge e o Oráculo de Delfos*” e “*No Labirinto de Creta*”. No primeiro poderão observar aspectos da crença dos gregos antigos que possuíam como guia os oráculos, fontes de revelações. Ao perguntar a um grego se o oráculo faz mesmo adivinhações seguras a resposta foi rápida e precisa:

Por Zeus! Claro que adivinha, e por isso anda o santuário de Delfos sempre cheio de consultantes vindos de todas as partes do mundo. Reis e príncipes, negociantes e pastores – não há quem não recorra ao divino Oráculo. A quantidade de donativos em depósito no templo é enorme. Não existe em parte do mundo santuário mais rico de prendas. Uns dão blocos

de ouro; outros dão estátuas de mármore ou bronze. Há mais estátuas em Delfos do que em todas as cidades helênicas reunidas. (LOBATO, 1939, p. 139).

A religiosidade dos gregos já foi tema da introdução quando os alunos descobriram que a Grécia já foi um país politeísta, que cultuava vários deuses e fazia homenagens a eles. A crença nos oráculos que adivinhavam o futuro e eram prestigiados pode promover um retorno ao assunto. Aspectos como esse são importantes para que os alunos percebam a variedade cultural existente em várias épocas e partes do mundo.

O capítulo “*No Labirinto de Creta*” é o ápice do livro, pois é nele que os personagens do Sítio do Picapau Amarelo concretizam o resgate de Tia Nastácia junto do Minotauro.

Aconselhados pelo oráculo a irem até Creta encontrar o labirinto no qual se encontrava o monstro que matinha Tia Nastácia como refém, os heróis modernos utilizam seu conhecimento sobre a mitologia grega para não se perderem no labirinto: assim como o herói Teseu, eles utilizam um novelo de linha para marcar a entrada do labirinto. Na fase da introdução os alunos conheceram o mito de Teseu e o Minotauro e a importância que o novelo entregue por Ariadne teve na vitória do herói grego.

Diferente de Teseu, que encontra um monstro carnívoro para derrotar, os heróis do sítio encontram o Minotauro calmo, maior do que o normal, se alimentando dos bolinhos de Tia Nastácia ao invés de comer carne humana. Emília logo reconhece o cheiro dos bolinhos que tantas vezes a cozinheira fizera nos serões de Dona Benta e, por isso, eles encontram a cozinha e entendem a razão de Tia Nastácia ainda estar viva: ela conquistou o monstro pelo estômago.

Instantes depois alcançavam uma dependência que parecia copa e afinal deram com a cozinha. E avistaram diante um enorme fogão, de lenço vermelho na cabeça, a tão procurada criatura! A boa preta lá estava fritando bolinhos numa frigideira maior que um tacho. À sua direita erguia-se um montão de massa, e à esquerda jazia a peneira onde ia pondo os bolinhos já prontos. (LOBATO, 1939, p. 149).

Tia Nastácia conquistou não só o carinho da turma do Sítio do Picapau Amarelo com suas receitas, mas também conquistou a salvação de sua vida seduzindo o Minotauro com seus bolinhos.

Os alunos vão comparar as duas aventuras: a de Teseu conhecida durante a introdução e a de Pedrinho, Emília e do Visconde de Sabugosa. Eles opinarão oralmente qual é a preferida e qual causou a maior emoção.

Na décima e última aula da fase da leitura a narrativa *O Minotauro* (1939) será finalizada com a leitura dos últimos capítulos: “*Sófocles aparece*”, “*A Panatenéia e Finis*”.

O professor destacará a figura de Sófocles que é um grande dramaturgo grego da Era de Péricles e encanta Dona Benta com sua inteligência e suas peças de teatro. É mais uma figura histórica e cultural que a turma do Sítio do Picapau Amarelo conhece em sua viagem à Grécia antiga.

O capítulo intitulado *A Panatenéia* destaca um aspecto cultural importante para os gregos antigos: o desfile em louvor à deusa Palas Atena, a deusa da sabedoria e da guerra. Com Tia Nastácia a salvo a turma do sítio têm motivos para comemorar. Narizinho, embora estrangeira, consegue desfilar num carro em louvor à deusa grega. O professor falará aos alunos sobre o grande destaque que os desfiles têm na cultura mundial, desde os desfiles que os gregos faziam em louvor às divindades até o carnaval brasileiro.

Nos desfiles gregos, as pessoas utilizavam grandes carros enfeitados simbolizando os poderes dos deuses para louvá-los e agradá-los, no carnaval os brasileiros utilizam grandes carros enfeitados e fantasias para louvar temas e pessoas que decidiram homenagear. É mais uma herança cultural que ganhamos dos gregos.

Por fim, o último capítulo, “*Finis*”, mostra a despedida da Grécia e a volta para o Sítio do Picapau Amarelo. É importante que os alunos discutam e compreendam:

- I. Os membros do Sítio do Picapau Amarelo voltam para a casa depois de uma aventura, mas não arrependidos e conscientes de que lá é mais seguro, eles voltam levando mais experiência e com a missão cumprida.
- II. A missão cumprida não encerra a trajetória dos heróis, pois ela tem continuidade em outros livros que envolvem os mesmos personagens.
- III. Ler a obra de Monteiro Lobato é sempre uma experiência que produz frutos culturais no leitor.

Os alunos devem dar sua opinião oralmente sobre a leitura da narrativa em vários aspectos, se for necessário o professor pode pedir que escrevam:

- I. Linguagem: a forma como o autor escreve facilitou a leitura? Estava próxima à realidade dos leitores ou não?
- II. O enredo causou interesse nos leitores? Seu desenvolvimento e seu desfecho foram satisfatórios?
- III. Os personagens chamaram a atenção dos leitores? Foi possível perceber características da personalidade de cada um a partir da leitura?

A fase da leitura está terminada a partir deste ponto.

4.5 INTERPRETAÇÃO

Três fases precedem a interpretação: a motivação, a introdução e a leitura. Na motivação os alunos são inspirados a ler a obra a partir da curiosidade e o professor planeja atividades lúdicas. Na introdução, questões práticas da obra a ser lida são exploradas: autor, tipo de texto, tema. Rildo Cosson (2006) propõe que o texto literário seja valorizado, por isso, durante a leitura, o leitor é instigado a explorar aspectos da obra descobrindo coisas que o autor diz subjetivamente. A fase da interpretação encerra esse processo de letramento literário que tem a obra como base.

Na primeira aula da fase da interpretação, o professor irá propor uma exposição oral de cada aluno sobre as impressões de leitura. Os alunos serão colocados em círculo e discutirão alguns aspectos da obra e comparar as impressões que tiveram antes da leitura e após.

Para isso podem ser usados os cartazes e as atividades elaboradas durante a fase de motivação. O professor como mediador, vai propor algumas questões a serem discutidas. A primeira delas é o conceito do monstro mitológico da fase da motivação e da fase pós - leitura. No início Minotauro era um substantivo desconhecido e os alunos procuravam adivinhar coisas sobre ele; o que mudou depois de conhecê-lo durante a leitura do romance que leva seu nome?

Quais foram os pontos mais interessantes da leitura para os alunos? As aventuras de Pedrinho, Emília e o Visconde de Sabugosa na Grécia mitológica ou os serões e as aventuras de Dona Benta e Narizinho em casa de Péricles? Qual foi o episódio mais impressionante? A luta de Hércules com a Hidra de Lerna? A visita dos heróis do século XX ao Olimpo? Dona Benta extasiada em ser testemunha da

história grega da Era de Ouro? Os alunos podem citar um ou mais episódios do enredo que os impressionou e marcou a leitura.

Uma questão importante é se valeu para eles a pena ler o livro ou apenas as atividades anteriores à leitura já bastavam. O ideal é que eles respondam que a leitura do livro é imprescindível, pois Rildo Cosson (2006) a considera a parte essencial do processo de letramento literário.

Outra questão que o professor não deve deixar de lado é se alguns dos alunos têm o desejo de ler outras obras que envolvem os personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Se a resposta for positiva, o professor pode preparar outras Sequências básicas relacionadas à obra de Monteiro Lobato.

Um aluno receberá a missão de ser o escriba. Ele vai registrar o que for dito e ao final da aula lerá em voz alta o que foi registrado e, se todos estiverem de acordo e não tiverem mais nada a acrescentar, o registro será feito em um cartaz no qual todos poderão ler as impressões de leitura dos alunos.

Na segunda aula da fase da interpretação, o professor fará a proposta da elaboração de uma feira de exposições com as atividades feitas até o momento no percurso da leitura de *O Minotauro* (1939) de Monteiro Lobato.

O primeiro passo é comunicar a diretoria e a equipe pedagógica da escola para que decidam juntamente com o professor e os alunos aspectos logísticos da feira, como por exemplo, o tempo que poderão dispor. A feira pode ser executada em horário de aula, pode dispor de quatro horas de duração ou menos, de acordo com o que for mais adequado e contemplar as atividades elaboradas a serem expostas.

O dia no qual a feira acontecerá é muito importante e o horário também, pois a disponibilidade de trajeto escolar através de ônibus é restrita aos dias letivos e aos horários de funcionamento das escolas.

O lugar no qual acontecerá a feira pode ser usado de forma criativa: sendo um ambiente rural, ela pode acontecer fora do ambiente escolar, a céu aberto, aproveitando a natureza e a beleza que ela pode proporcionar à feira. Se não for possível que a feira aconteça a céu aberto, os alunos, o professor, a diretoria e a equipe pedagógica podem optar por uma das salas de aula, no pátio da escola, na quadra de esportes (caso a escola contemple uma).

É importante que se decida o público que poderá participar da feira. Se for pertinente, ela poderá ser aberta aos membros da comunidade e aos pais dos

alunos, mas se a equipe de elaboração da feira acreditar que o ambiente não é propício para grande aglomeração de pessoas, ela pode ficar restrita ao alunos, professores, funcionários da escola, além da diretoria e equipe pedagógica.

Se a opção for por um ambiente fora das locações da escola, é importante que o professor elabore autorizações para que os pais ou responsáveis dos alunos possam estar cientes do local no qual seus filhos estarão e de que essa é uma atividade que se estende à comunidade. As autorizações precisam ser entregues com antecedência e devem estar de acordo com o regulamento da escola.

Esses aspectos burocráticos e logísticos são importantes para a organização da feira e também para que os alunos percebam que é preciso planejar antes de executar trabalhos e atividades fora de sala de aula.

Na terceira aula da fase da interpretação o professor dividirá os alunos em quatro grupos.

O primeiro grupo vai organizar os painéis com as atividades prontas para a exposição. Esse grupo vai resgatar as atividades das fases anteriores à leitura, bem como o cartaz que foi elaborado já na primeira aula da fase da interpretação. É importante que os trabalhos sejam expostos para que percebam a evolução e o desenvolvimento deles como leitores durante as fases da Sequência básica.

O segundo grupo organizará o ambiente. Se for um local ao ar livre eles podem utilizar seu conhecimento da região na qual vivem para aproveitar a decoração natural, as árvores, as flores, a grama, um riacho, os animais que transitam no local. Caso o ambiente seja a escola é preciso pensar formas de decoração que aproveitem o espaço de forma a chamar a atenção dos visitantes da feira.

O terceiro grupo será responsável pelos materiais necessários para as atividades propostas (que serão descritas a seguir) para a feira. Com a ajuda dos pais e também do professor eles buscarão roupas, objetos, livros, entre outros. A realidade dos alunos deve ser respeitada, portanto, eles podem fazer uso de material reciclável, natural, coisas antigas e também do seu cotidiano.

O quarto grupo será responsável por coordenar os ensaios das atividades que serão propostas para a feira. O sucesso da realização da feira depende muito dos ensaios organizados e do comprometimento desses alunos. O professor deve supervisionar tudo, pois ele é o mediador e têm o direito de opinar caso as coisas não aconteçam de forma proveitosa para os alunos.

O número de integrantes de cada grupo dependerá da realidade do professor. Em salas de aula da Educação do campo não é costume ter grande número de estudantes, portanto, os escolhidos para cada tarefa devem ser responsáveis e comprometidos com o propósito da feira.

A quarta aula da fase da interpretação será iniciada com a divisão dos grupos que farão a exposição dos aspectos da obra no dia da feira. O professor preparou antecipadamente os textos a serem utilizados e, para isso, seu conhecimento da obra de Monteiro Lobato é indispensável.

A exposição será a seguinte: os alunos representarão personagens da *O Minotauro* (1939) de Monteiro Lobato e o próprio escritor, assim, receberão os visitantes da feira para demonstrar-lhes atividades que os introduzirão na obra lobatiana.

Um aluno deverá ser o voluntário para interpretar o escritor Monteiro Lobato e sua fala⁵ será:

Monteiro Lobato: Olá! Eu sou o escritor Monteiro Lobato e nasci na cidade de Taubaté, no estado de São Paulo. Escrevi alguns livros adultos, mas a minha obra infantil foi mesmo muito marcante! Tão marcante que, mesmo depois de anos de escritos, os meus livros ainda encantam crianças de todas as gerações. Essa turma do quinto ano leu um livro que eu publiquei no ano de 1939: ele se chama *O Minotauro*. Eles resolveram fazer algumas atividades sobre ele e muitas delas vocês podem ver expostas nestes cartazes e painéis. Depois dessa observação vocês estão convidados a penetrar profundamente em meu livro. Muito obrigado e bem vindos à aventura!

Esse aluno acompanhará os visitantes da feira até que eles observem os cartazes e as atividades elaboradas nas fases da Sequência básica. Essa observação prepará-los-á para as atividades a seguir. A próxima atividade necessitará de um aluno para interpretar a personagem Emília. Ela apresentará uma fala aos visitantes da feira após a introdução de Monteiro Lobato.

Emília: Meu nome é Emília e todos vocês devem me conhecer, pois eu sou uma boneca muito famosa na literatura brasileira. Eu era uma simples boneca de pano construída por Tia Nastácia, mas com a ajuda de algumas pílulas me tornei muito falante e hoje sou como todas as outras crianças: eu falo, penso e dou minha

⁵ Os textos que compõem as falas de cada aluno são de autoria da professora Aparecida Cristina da Costa – autora desta dissertação.

opinião sobre tudo mesmo! Eu vivo no Sítio do Picapau Amarelo. Vocês conhecem esse lugar? Se não conhecem não sabem o que estão perdendo! Eu vivo com a Dona Benta, sabiam que para mim ela é uma avó? Também moram com a gente a Narizinho, O Pedrinho quando está de férias, a Tia Nastácia e o Visconde de Sabugosa. O Visconde é um sabugo de milho que se acha muito inteligente, mas ele continua sendo um sabugo enquanto eu me tornei gente mesmo! Bom, o sítio recebe a visita de muitas outras pessoas, alguns famosos, outros não, alguns bons, outros maus, alguns do Brasil, outros de diversos países. Querem nos conhecer melhor? Não nem outro jeito, tem que ler os livros do nosso criador, o Monteiro Lobato! E tem uma aventura muito importante na qual nos fomos para a Grécia.

Outro aluno voluntário interpretará a Tia Nastácia que não se conforma com o “esquecimento” de Emília em creditar a aventura a ela.

Tia Nastácia – A Emília é muito esquecida mesmo! Não disse que essa aventura pela Grécia aconteceu por causa de mim. Eu “tava” lá na cozinha do sítio atarefada com mil “faisão” pra assar e me chegou um bicho feio sentindo o cheiro da comida! Era o tal do Minotauro que era metade gente metade boi, ou touro. Coitada da Branca de Neve...foi “acontece” essas coisa logo no dia do casamento da pobre. E o monstro gostou da minha comida, sorte a minha, ele me levou com ele num lugar longe que parecia que nunca mais eu ia ver o sítio. Mas eu consegui fazer ele gostar dos meus bolinhos e ele não me fez mal, só ficava pedindo cada vez mais! Pra mim eu nunca saía daquele lugar que parecia que tinha as paredes tudo igual.

O próximo aluno voluntário será escolhido para interpretar o Minotauro. Ele deve, assim como todos os demais personagens, estar caracterizado conforme o livro os descreve.

Minotauro – Pois é! Tudo ficou nas minhas costas! Tudo bem, eu sei que fiz umas coisas que as pessoas não gostam, sei que eu assusto quem me vê, mas eu só queria comer uns bolinhos da Tia Nastácia! E depois que eu provei uma vez eu queria todo dia. Eu nunca tinha comido bolinhos, na verdade a minha comida nunca foi muito bem preparada. Acreditem ou não eu sou filho de um rei, o nome dele é Minos e ele governava Creta, uma ilha perto da Grécia. Sim, daí vem o meu nome, o Minos do meu pai e o touro que é meu mesmo. Mas meu pai não me aceitou desse jeito monstruoso e me trancou num labirinto. Sabem o que é um labirinto? É um lugar onde você não encontra saída, tudo parece igual e confuso. E eu ficava lá, dias e dias, horas e horas...até que um dia tive a chance de sair e chegar até outros

lugares. Cheguei ao sítio e senti o cheiro da comida da cozinha...foi aí que eu encontrei a cozinheira.

O próximo personagem interpretado por um aluno é Dona Benta. Ela vai continuar a narrativa do Minotauro e contar as consequências do sequestro de Tia Nastácia para os membros do Sítio do Picapau Amarelo.

Dona Benta – O que o Minotauro fez trouxe grandes problemas para nós! Não sei se me conhecem, eu sou a Dona Benta, a dona do sítio no qual vivem meus netos e a minha cozinheira Tia Nastácia. Eu viajei juntos dos meus netos e do Visconde de Sabugosa para a Grécia, um país bem longe daqui. Nós temos um navio mágico chamado Beija-flor das Ondas e um pó mágico chamado Pirlimpimpim, eles nos levam aonde queremos, em qualquer época. Por isso chegamos a cerca de quinhentos anos atrás quando a Grécia era governada por um homem de nome Péricles. Eu sempre o admirei pelos livros de história e foi uma honra conhecê-lo pessoalmente.

Eu e a minha neta Narizinho ficamos lá conhecendo a arte e a cultura da Grécia enquanto o Pedrinho, a Emília e o Visconde de Sabugosa voltaram mais ainda no tempo e chegaram numa Grécia bem antiga, a Grécia dos deuses.

A exposição está para ser encerrada e o último personagem a se apresentar é Pedrinho. Ele vai terminar o relato da viagem que já foi iniciado por Dona Benta.

Pedrinho: Eu, Pedrinho, sempre gostei de viver aventuras, mas essa foi muito especial. Nós fomos conhecer a Grécia da mitologia, eu só conhecia por causa de uns livros que a minha professora me fez ler na escola, mas conhecer viajando é bem mais agitado. Vocês sabem o que é mitologia? É o estudo sobre os deuses, os heróis e os monstros da Grécia naquele período antigo, há mais de três mil anos antes de Cristo. As histórias desse tempo contam que os gregos tinham vários deuses e acreditavam que eles viviam num monte chamado Olimpo e cada um tinha uma função.

Nós tínhamos medo do Minotauro, ele é descrito como um monstro comedor de carne humana! Bom, acho que isso foi antes de conhecer a Tia Nastácia e seus bolinhos, pois quando a gente encontrou o pobre no labirinto ele estava bem tranquilo, só queria comer mais e mais os bolinhos cheirosos.

Seria interessante que os alunos responsáveis pela exposição providenciassem bolinhos que pudessem ilustrar a fala de Pedrinho. Ele comeria um e ofereceria aos visitantes enquanto terminava sua fala:

Pedrinho: E tem mais tantas coisas a serem ditas, tantas aventuras a serem vividas! Mas nós não podemos contar todas para vocês, para conhecê-las é preciso ler. O nosso criador, Monteiro Lobato, dizia que um país é feito de homens e livros, leiam seus livros, ele escreveu muitos com todos nós, personagens do sítio. Todas as gerações têm o direito de nos conhecer! Leiam sempre!

Na quinta aula da fase da leitura os alunos e o professor vão ler juntos e refletir sobre o texto que será utilizado como falas dos personagens. Os alunos vão ler de forma silenciosa e depois em voz alta, ensaiando a entonação que usarão no dia da feira.

Os alunos poderão opinar e até fazer mudanças no texto, mas elas precisam ser feitas de comum acordo entre os membros da exposição. Os organizadores precisarão de um período de pelo menos uma semana para conseguirem todas as roupas que caracterizarão os personagens, além dos objetos utilizados em cena. O professor acompanhará a organização dos alunos.

Na sexta aula da fase da interpretação a feira será realizada. Previamente as equipes responsáveis já encontraram o local adequado, cuidaram da organização deste espaço, dos cartazes, das cadeiras e da produção das roupas. Haverá uma mesa de livros do escritor Monteiro Lobato para exposição. Eles podem ser encontrados na biblioteca municipal e emprestados, caso a biblioteca da escola não os contemple. A mesa deve ficar em um local de destaque para que os visitantes possam manusear os livros e quem sabe, interessarem-se pela leitura deles.

O tempo de cada apresentação dos trabalhos e dos personagens deve ser cumprido e acertado com antecipação de acordo com o horário do qual os organizadores da feira dispõe para executá-la.

O professor não deve se ausentar do local da feira, pois ele precisa analisar se o planejamento é seguido pelos alunos e a aceitação que a feira tem junto dos visitantes. Se ocorrer alguma adversidade ou algum fato não planejado o professor deve estar presente para ajudar a sanar as dificuldades.

Na sexta aula da fase da interpretação o professor e os alunos farão uma análise e uma reflexão sobre os pontos negativos e positivos da feira do dia anterior. Os alunos devem relatar oralmente também como o processo da Sequência básica agiu neles como leitores: o processo de letramento literário emancipou-os? É a pergunta que o professor precisa responder para saber se a Sequência básica obteve sucesso ou não.

4.6 AVALIAÇÃO

O professor precisará avaliar seus alunos do quinto ano e no sistema educacional tradicional as notas são indispensáveis para que o estudante obtenha sucesso e seja promovido ao próximo ano escolar. A maneira como essa avaliação acontece pode diferenciar a forma como a obra literária é vista por ele.

Se o professor optar por uma ficha de leitura na qual o leitor tenha que decorar citações do livro *O Minotauro* (1939), bem como datas e fatos da biografia do autor, pode ser que o aluno acredite que basta ler um resumo da obra e procurar na rede de computadores um *site* que apresente Monteiro Lobato a partir de uma ordem cronológica de fatos de sua vida e publicação de obras. Essa forma de avaliação contemplaria um momento único e seria corrigida pelo professor sendo devolvida ao aluno logo após, sem possibilidade de maiores reflexões ou alterações no que foi escrito por ele.

A avaliação não precisa ser dessa forma única e tradicional. O professor perceberá durante as fases da Sequência básica o envolvimento do aluno como leitor da obra de Monteiro Lobato, bem como a sua organização e seu desenvolvimento nas atividades propostas. O aluno que iniciou a Sequência básica desinteressado pode terminá-la de forma gratificante, interpretando o clássico lido e mais maduro como leitor. Esse crescimento justifica uma avaliação positiva e o letramento literário terá êxito e promoverá mais leituras deste aluno.

Caso o professor necessite especificar no livro registro uma nota determinada para a aplicação da sequência básica, ele pode optar por dividir uma nota entre as quatro fases dela, anotando o desempenho de cada aluno em um local para que, ao final do processo, possa agir com justiça para com a avaliação continuada e formativa dos alunos.

A avaliação é continuada por não se ser restrita a um único momento, e sim, a um processo de aprendizagem. Ela é formativa por buscar a formação de um leitor consciente e reflexivo e não apenas de um decodificador de palavras ou frases.

Em uma escola do campo com turmas formadas por um número menor de alunos em relação às escolas do meio urbano, o professor terá condições de investigar de forma mais próxima as impressões de leitura dos alunos e a influência que o livro e as atividades propostas tiveram nele.

A avaliação não irá apenas aferir quanto de conhecimento o aluno possui, mas sim ajudar o professor a perceber o quanto a leitura literária o modificou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo da dissertação nos preocupamos em dialogar com o leitor sobre a importância da leitura literária na escola, a questão do clássico em sala de aula e a escolarização da literatura. Ganhou destaque a questão da leitura que vai além da decodificação, por exemplo, o fato de que nos anos iniciais do Ensino fundamental tem grande destaque a alfabetização. O aluno precisa ler e escrever de forma correta até o término do terceiro ano de estudos. Os professores se preocupam com a alfabetização e, se ela não acontece, assumem o fracasso escolar do aluno como uma realidade. Decodificar e ler em voz alta com fluência é, de fato, muito importante, pois se o leitor não entender perfeitamente aquilo que lê ele terá problemas para compreender o texto. Mas a decodificação apenas não basta numa sociedade na qual inúmeras formas de letramento são exigidas todos os dias.

É importante destacar, ainda no primeiro capítulo, que o letramento considera a alfabetização como um processo longo e social, envolve não apenas a capacidade de saber o alfabeto, mas de entender o texto que é objeto da leitura possibilitando interpretação, reflexão e uso social dele. Pensar o uso social do texto faz com que o professor volte seus olhos para a literatura que, por muito tempo, foi excluída da sala de aula. As razões da sua exclusão foram inúmeras, como a noção de que o texto literário não deveria ser escolarizado e também a dificuldade em elaborar projetos e atividades de leitura ligados a ele.

Quando a literatura teve espaço em sala de aula ela foi tratada como mais um conteúdo a ser assimilado por determinados alunos e a importância dada às características históricas e formais fizeram com que a avaliação se tornasse tradicional e vazia, promovendo apenas um momento que condensasse tudo que o aluno leu em uma prova ou ficha de leitura que exigia datas e trechos de livros decorados e escritos fielmente como no livro.

Esse tratamento tradicional do texto literário levou alunos a fugirem da leitura e transformaram a literatura em um “bicho de sete cabeças” nos meios educacionais. Aos poucos o texto se transformou em pretexto para atividades gramaticais e o clássico literário foi trocado pelo uso restrito dos textos utilitários.

No decorrer da dissertação, preocupamo-nos, no segundo capítulo, em definir o letramento literário que busca promover a emancipação do leitor a partir do texto

literário. A escolarização da literatura deixou de ser um tabu, pois a escola tem o direito de levar ao aluno à leitura literária. O clássico que havia sido abandonado é considerado novamente como uma possibilidade infindável não apenas de prazer, mas também de abertura da mente do leitor a partir de uma obra consagrada pelo cânone literário.

Estudiosos como o professor Rildo Cosson (2006) se interessaram pela questão do letramento literário e promoveram estudos sobre a forma de levar a literatura para a sala de aula fugindo ao estereótipo tradicional da ficha de leitura e da avaliação. No ano de 2006 no livro *Letramento literário: teoria e prática*, Rildo Cosson apresenta duas formas de Sequência didática responsáveis por promover o letramento literário em sala de aula através da leitura do clássico.

A sequência expandida é ideal para alunos do Ensino Médio enquanto a sequência básica o é para o Ensino Fundamental.

A Sequência básica é constituída por quatro fases: a primeira delas é a motivação que utilizará atividades lúdicas e interativas para promover no aluno a curiosidade e a intenção de pesquisa sobre o tema do clássico, que será lido ou mesmo sobre características da obra.

A segunda fase é a da introdução, pois questões como o contexto de produção da obras, características da escrita do autor e o tema não são descartados na sequência básica. As atividades contemplam preparar o leitor para a fase da leitura e da interpretação que veem a seguir.

A fase da leitura é de suma importância, pois uma das críticas de Cosson (2006) ao trabalho com a literatura em sala de aula é a de que inúmeras vezes o próprio texto literário é esquecido em meio a outras situações de leitura que o introduzem. A leitura é mediada pelo professor que se preocupa com o desenvolvimento dos leitores em relação à linguagem, ao enredo, à construção dos personagens etc.

A última fase é a da interpretação, na qual o leitor revelará suas impressões de leitura e fará suas reflexões sobre ela. A forma de interpretação não deve ficar restrita a um texto ou a uma ficha de leitura, mas deve dar expansão à criatividade e a mente do leitor e ao seu contato com o texto literário.

A avaliação desse processo é contínua, uma avaliação de formação considerando a evolução do aluno como leitor competente desde o início até o fim da sequência básica que busca letrar literariamente a partir do clássico.

Nessa dissertação, o público foi uma turma de quinto ano do Ensino fundamental – anos iniciais especificamente da educação do campo.

A educação no campo difere-se da educação nos meios urbanos não apenas geograficamente, mas também por peculiaridades como o número menor de alunos por classe, as dificuldades em conectar-se à tecnologia, o apego à terra e às tradições que trazem consigo. A imaginação que abastece o homem e o faz sonhar em meio a uma realidade nem sempre interessante a seus olhos é muito presente nas crianças alvo dessa dissertação, tanto pela idade (entre nove e dez anos) que possibilita a busca pelo que é irreal, pelo que é sonho e pela fuga da realidade; quanto pelo ambiente no qual vivem, pois as matas, a distância da cidade, o contato com várias gerações possibilita o acesso aos causos, às lendas e aos mitos do campo.

A escolha do clássico *O Minotauro* (1939), de Monteiro Lobato, justifica-se então por vários fatores: a importância do autor na literatura infantil brasileira. Lobato foi um divisor de águas que rompeu com a tradição pedagogizante que buscava aprisionar as crianças entre os muros da escola tradicional até mesmo durante a leitura. O autor se destaca como um marco no gênero infantil em terras brasileiras.

Justifica-se também pelo tema da Mitologia grega que apresenta uma fuga à realidade e leva os personagens do Sítio do Picapau Amarelo a espaços e épocas que produzirão no leitor o sentimento de aventura aguçado pelas experiências heroicas de Dona Benta, Narizinho, Pedrinho, Emília e do Visconde de Sabugosa.

A Sequência básica é uma proposição, não será aplicada neste momento, mas busca contribuir com o trabalho dos professores dos anos iniciais do Ensino fundamental que desejem conhecer uma forma de levar a literatura à sala de aula longe dos moldes tradicionais enraizados na escola.

O terceiro e último capítulo desta dissertação apresenta finalmente a proposição da sequência básica para uma turma de alunos do quinto ano do Ensino fundamental – anos iniciais – da Educação do campo.

A proposição inicia-se com uma menção ao fato de necessitarmos abandonar as velhas fórmulas e nos abirmos ao novo proposto por Cosson em seu livro de 2006. O professor deve estar aberto às atividades propostas e procurar a melhor forma de executá-las em sala de aula formando leitores.

A fase da motivação propõe um trabalho com o substantivo Minotauro que faz parte do título do livro clássico a ser lido. O substantivo não é comum e faz parte da

mitologia grega, podendo ser totalmente desconhecido aos alunos. O professor, como mediador, instigará a curiosidade dos futuros leitores sobre a figura que leva o nome de Minotauro e isso acontecerá através de atividades que envolvem a capacidade lúdica e também a escrita, a arte, os conhecimentos prévios dos alunos.

A segunda fase é a da introdução e envolve características da obra de Monteiro Lobato e a importância do escritor na literatura infantil brasileira. É importante destacar a explanação sobre mito e mitologia grega que leva os alunos a entenderem melhor o que envolve o Minotauro e o tema do clássico que irão ler na próxima fase.

A terceira fase é a da leitura e nela o livro *O Minotauro* (1939) é o centro das atividades práticas, com a mediação do professor e a proposta de atividades de acordo com o desenvolvimento da leitura de determinados capítulos. A leitura vai acontecer em sala de aula e o professor acompanhará as dificuldades e as descobertas dos leitores sobre aspectos da linguagem, da temática, da escrita de Monteiro Lobato.

A última fase é a da interpretação e nela o professor deixará grande parte das atividades a cargo dos alunos que desenvolverão uma feira literária sobre a narrativa lida na fase anterior e seu escritor Monteiro Lobato. O intuito da feira é ser aberta à comunidade escolar e aos demais membros da comunidade, para que os alunos sintam como a literatura pode agir na sociedade e o quanto de possibilidades de interpretação podem ter a partir da leitura de um romance.

O intuito é que essa proposição seja a primeira de muitas e possa auxiliar professores do Ensino fundamental – anos iniciais – na organização de suas aulas de literatura na escola. Como todo começo pode assustar tanto o professor quanto aos alunos e até mesmo a comunidade escolar, acostumada com a ausência da literatura na escola ou com o seu tratamento tradicional e mecanizado, mas o educador precisa estar consciente da importância que seu trabalho acarretará para a formação de leitores e para o crescimento da presença da literatura no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. As variadas formas de ler. In: PAIVA, Aparecida. et al. **No fim do século: a diversidade: O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 121-34.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ALVES, José Hélder Pinheiro. In: DALVI, Maria Amélia. REZENDE, Neide Luzia de. JOVER-FALEIROS, Rita. orgs. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópoles: Vozes, 1986.

BRASIL, **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Imprensa Nacional, 1996.

BULFINCH. Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia – Histórias dos Deuses e Heróis**. São Paulo: Harpercollins, 2015.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e cultura**. São Paulo. USP, 1972.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. São Paulo: Brasiliense, 3. ed., 1962, I volume.

CECCANTINI, João Luís.; VALENTE, Thiago Alves. Monteiro Lobato, um clássico para crianças. In: Tania M. K. Rösing; Fabiane Verardi Burlamaque. (Org.). **Atualizando a tradição: cânone e literatura para leitores de hoje**. 1. ed. Passo Fundo: Editora UPF, 2010.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DALVI, Maria Amélia. In: DALVI, Maria Amélia. REZENDE, Neide Luzia de. JOVER-FALEIROS, Rita. orgs. **Leitura de literatura na escola**. – São Paulo: Parábola, 2013.

FRANCHINI; SEGANFREDO, Carmen. **As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GALVÃO, Eliane. No centro do labirinto: o papel do leitor na obra *O Minotauro*. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (organizadores). **Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil**. 1ª reimpressão – São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

JOVER-FALEIROS, Rita; DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de. JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças: Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.

_____. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social – desvios e rumos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LOBATO, Monteiro. **O Minotauro**. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1939.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**. v. 17, n. 001, p.47-62. Braga: Universidade do Minho, 2004.

PAULINO, Graça. et. al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Orgs.). **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

ROUXEL, Annie. In: DALVI, Maria Amélia. REZENDE, Neide Luzia de. JOVER-FALEIROS, Rita. orgs. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Modelos Teóricos e estratégias de leitura de leitura:** suas implicações no ensino. Maceió: EDUFAL, 2005.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VALENTE, Thiago Alves. **Monteiro Lobato nas páginas do Jornal:** um estudo dos artigos publicados em O Estado de São Paulo (1913-1923). 2009. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

ZAPPONE, Mirian H. Y. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Revista Teoria e Prática da Educação.** v. 11, n. 1, p. 46-60, jan/abr. 2008.